

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARIANA LAPAGESSE DE MOURA

**Guerra de virtudes e vícios: o veneno das heresias nos *Comentários* de Martin
Del Rio**

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Guerra de virtudes e vícios: o veneno das heresias nos *Comentários* de Martin
Del Rio**

Mariana Lapagesse de Moura

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação
em História Social do Departamento de História da
Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de
Mestre em História.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Laura de Mello e Souza

São Paulo
2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Floriano Ferreira de Moura e Elizabeth Lapagesse de Moura, que me apoiaram na decisão da troca de carreira e estiveram ao meu lado neste recomeço.

Agradeço à minha irmã, Renata Lapagesse de Moura, e ao meu cunhado, André Luis Gonçalves, por sempre me receberem em sua casa de braços abertos e possibilitarem a uma carioca a conclusão desta pesquisa.

Agradeço à minha sobrinha, Marina Lapagesse de Moura Gonçalves, por representar um alívio com o seu sorriso e brincadeiras.

Agradeço à minha orientadora, Laura de Mello e Souza, pelas indicações de leitura e idéias essenciais que ajudaram no desenvolvimento desta pesquisa e, sobretudo, pela compreensão, disponibilidade e vontade de ensinar.

Por fim, agradeço aos meus amigos, que me ajudaram durante todo o percurso, cada um a sua maneira.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a obra de Martin Del Rio, *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte*, originalmente escrita em latim. Para fundamentação teórica, é apresentado o contexto da Bélgica no século XVI, e como este foi importante para a escrita do autor. Também são abordadas as questões da guerra, do mal e da heresia como elementos que constituem a base do pensamento de Martin Del Rio. São levados em consideração a escrita da história e os hábitos de leitura de seus contemporâneos.

ABSTRACT

This study aims to examine Martin Del Rio's book, *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte*, originally written in Latin. For theoretical reasons, this study presents the context of Belgium in the sixteenth century, and how it was important for the author's writings. Also, the issues of the war, the evil and the heresy are considered as elements that form the basics of his thoughts. History books and the reading habits of his contemporaries are other subjects of this analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I: Martin Del Rio.....	10
1.1. Uma família a serviço do catolicismo e as bases da expansão calvinista nos Países Baixos.....	10
1.2. O mundo de Martin Del Rio.....	17
1.3. Pistas impressas.....	25
1.4. No caminho da Companhia de Jesus.....	28
CAPÍTULO II: Comentários sobre as atribulações ocorridas nos Países Baixos após a chegada de D. João de Áustria até sua morte: primeiras abordagens.....	35
2.1. A história e as histórias das revoltas neerlandesas no século XVI.....	37
2.2. De Rolando de Roncesvales a Rolando Natin Miriteo.....	41
2.3. Leitura e narrativa: a questão do ficcional.....	47
2.4. Um anagrama.....	55
CAPÍTULO III: Os <i>Comentários</i> na luta contra o calvinismo.....	59
3.1. Guerra justa.....	65
3.2. O mal e a heresia.....	68
3.3. A heresia e a magia.....	72
3.4. A paz como grito de guerra.....	79
CONCLUSÃO.....	82
FONTES.....	85
OBRAS DE REFERÊNCIA.....	86
BIBLIOGRAFIA.....	87
WEBSITES.....	91

INTRODUÇÃO

A abadia de Baudeloo está localizada em Gante, na província de Flandres Oriental. No século XVI a região foi devastada pela guerra entre católicos e calvinistas, inclusive a grande construção pertencente à ordem cisterciense. Eis o relato:

Havia uma insigne Abadia da Ordem de São Bernardo ornada de muitos grandes edificios, e cercada como vila, no caminho entre Bruges e Antuérpia, chamada Baudeloo, era seu abade Jaques Del Rio, o qual não havia querido desamparar sua casa, nem aos religiosos dela, nem se envolvia em negócios seculares como outros Abades: Orange o assediava com grandes ofertas para atraí-lo à sua parcialidade, mas vendo que não o havia convencido, juntando a isto o ódio que lhe tinha, por estar os de sua linhagem com D. João, os hereges o expulsaram de sua Abadia com os Religiosos, e desmantelaram até o solo sua belíssima igreja com as suas construções e do monastério; o Abade com alguns Religiosos retirou-se para a cidade de Colônia até poder passar com segurança à parte do Rei ¹.

O ocorrido foi descrito por Martin Del Rio, um jurista de família espanhola, nascido na Antuérpia, que depois se tornará jesuíta. Viveu os conflitos entre calvinistas e católicos na região dos Países Baixos controlada pela Espanha, e foi diretamente atingido por ela. Nos deixa conhecer o seu apoio ao governador-geral espanhol através de uma parte da história de sua família. Da mesma maneira, não deixa de criticar a conduta de alguns clérigos acusados de não seguirem uma disciplina eclesiástica apropriada. O Concílio de Trento havia homologado seus decretos em 1564 na tentativa de solidificação da fé católica perante a ameaça protestante. Seus esforços não impediram a propagação dos *hereges*, mas muitos escritos foram produzidos para esse fim. Por outro lado, protestantes também

¹ “Avia una insigne Abadia de la orden de san Bernardo ornada de muy grandes edificios, y cercada como villa en el camino que va de Brujas a Emberes, llamada Boudeloo, era Abad della Damp Jaques del Rio, el qual no avia querido desamparar su casa, ni a los Religiosos della, ni se entremetía en negocios seglares como otros Abades: acometiole el de Orange con grandes ofertas para atraerle a su parcialidad, mas viendo que no avia reducirle, juntandose con esto el odio que le tenia, por estar los de su linage co el S. don Juan, los hereges le echaron de la Abadia con los Religiosos, y desmantelaron hasta el suelo su hermosissima yglesia con los edificios della y del monesterio: el Abad con algunos Religiosos se retiro a la ciudad de Colônia hasta poder con seguridad passar a la parte del Rey”. Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte / compuestos en latin por Rolando Natin Miriteo, em cinco libros; y traducidos em castellano por Don Rodrigo de Medina y Marzilla*. Madrid: Casa de Pedro Madrigal, 1601.

utilizaram a escrita como defesa de seus argumentos e acusação da degradação da Igreja católica.

Uma das obras da trincheira católica foi escrita por Martin Del Rio. Os *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte* referem-se a conflitos políticos, os quais D. João de Áustria enfrentou durante o curto período em que ocupou o cargo de governador-geral dos Países Baixos, a mando do rei espanhol Filipe II. Originalmente escrita em latim, é uma obra de história que revela o ponto de vista católico e espanhol de um contemporâneo às batalhas de sua terra natal. Isto faz com que Martin Del Rio se encontre dentre uma variedade de homens que decidiram escrever sobre um evento marcante de sua época, e que foram testemunhas diretas. No entanto, o que mais chamou a minha atenção foi a adoção de um pseudônimo pelo autor. Rolando Natin Miriteo assinou o manuscrito, e assim permaneceu na primeira publicação que obteve, uma tradução espanhola de 1601. As questões surgiam à medida que a leitura da obra avançava. Além do pseudônimo, também me perguntava as motivações para a sua produção, um tanto deslocada entre comentários sobre filósofos antigos e um texto sobre Direito Civil. Outros elementos se juntaram aos interesses iniciais. O papel da descrição na narrativa, a demora na publicação e os seus resultados foram abordados no decorrer desta pesquisa.

Os *Comentarios* não são uma obra de Martin Del Rio amplamente conhecida. Este papel é exercido pelo *Disquisitionum magicarum*, um tratado sobre magia publicado em 1599. A ele seguiram-se diversas impressões e o autor alcançou um grande reconhecimento. Diante deste quadro, é curioso perceber que não existem muitos trabalhos que se concentrem somente na produção do jesuíta. O *Disquisitionum magicarum* é citado de maneira corrente, e alvo de análises inseridas em reflexões mais abrangentes ou comparativas. Julio Caro Baroja inseriu um capítulo sobre Del Rio em seu livro *El señor Inquisidor y otras vidas por oficio*. Mais recentemente, uma tradução para a língua inglesa de sua obra mais famosa, a citada demonologia, foi reeditada em 2009. Maxwell-Stuart realizou esta pesada tarefa, com o cuidado de alertar os leitores de que o livro *Martín Del Rio. Investigations into magic* apresenta alguns cortes para que houvesse viabilidade para a sua edição. A decisão em diminuir o seu enorme

conteúdo ocorre desde a tradução para a língua francesa, em 1611. O trabalho mais atual sobre Martin Del Rio foi escrito por Johannes Machielsen como tese de doutorado na Universidade de Oxford. *Demons and Letters; Aspects of the life and works of Martin Delrio, 1551-1608* foi finalizada no final do ano de 2010, mas infelizmente não há publicação disponível. A partir desta dificuldade inicial, a construção de uma biografia torna-se um trabalho exaustivo. Detalhes de sua vida pessoal e precisões com relação a algumas datas e locais são escassas, e muito do que se sabe foi retirado das obras do próprio autor. Informações desta natureza podem ter sido retiradas das traduções por aparentemente não contribuírem para a discussão teórica proposta.

A hipótese inicial deste trabalho consiste na escrita da história dos Países Baixos por Martin Del Rio como uma arma contra a expansão das heresias. Uma segunda hipótese é a utilização do pseudônimo como um fator separado do desejo do anonimato. O limite temporal inicia-se em 1545 - data do termo de convocação efetiva do Concílio de Trento, até 1599 quando da publicação do *Disquisitionum magicarum*. Outras hipóteses, as investigações e resultados apresentam-se na pesquisa a seguir.

No primeiro capítulo, tratarei do contexto político, econômico e social dos Países Baixos no século XVI. Esta questão estará intrinsecamente articulada com a biografia de Martin Del Rio. Portanto, as duas tarefas apresentam-se entrecruzadas em uma tentativa de explicitar a importância do ambiente na história de vida do autor.

No segundo capítulo, são apresentadas as primeiras abordagens de uma análise da obra *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte*. Para isso, será abordada a questão da escrita da história no século XVI, os hábitos de leitura desta época e a discussão sobre o pseudônimo.

No terceiro capítulo, será realizada uma análise mais profunda do texto em questão, abordando temas como a guerra, o mal, e uma rápida investigação sobre o tema da heresia no *Disquisitionum magicarum*.

CAPÍTULO I: Martin Del Rio

Martin Del Rio era um católico de família abastada, juriconsulto e jesuíta que escreveu um tratado sobre magia, amplamente citado e discutido. Lembrado até hoje por sua fantástica erudição, combateu hereges em uma época de aumento das perseguições, concentrada no final do século XVI e início do XVII². Martin Del Rio também era um homem cuja família materna era composta por judeus convertidos³; nasceu na Antuérpia com pais espanhóis, em um território dominado pela Espanha e ameaçado pela crescente disseminação da fé protestante. Sua história poderia ser dividida e a análise histórica conseqüentemente simplificada: seria possível nos voltarmos para o homem inserido na sociedade dos Países Baixos e que sofria uma influência fortemente católica, tanto a partir da dominação espanhola, quanto a partir de sua formação intelectual. Estudou Leis e seis anos depois entrou para o noviciado da Companhia de Jesus. De seus estudos escreveu diversos textos, dentre eles o famoso tratado sobre magia, falecendo nove anos depois⁴. Da mesma maneira, também poderíamos nos voltar para o homem atormentado pelo *sangue impuro* de sua família e pelo ambiente atribulado em que vivia. Do ponto de vista político, a frágil dominação espanhola e, do ponto de vista religioso, as inquietações causadas pela intolerância religiosa permitiam constantes sublevações. A complexidade humana evidente na história de vida de Martin Del Rio é um dos fatores que, ao mesmo tempo, dificulta e fascina aquele que se propõe a estudá-lo. A escassez de fontes sobre sua vida é um obstáculo a mais, todavia qualquer análise sobre a sua obra a torna indispensável. Vamos a ela, pois.

1.1. Uma família a serviço do catolicismo e as bases da expansão calvinista nos Países Baixos.

² Brian P. LEVACK. *The Witch-hunt in Early Modern Europe*. New York: Longman Inc, 1987. p. 1.

³ Julio Caro BAROJA. “Martín Del Río y sus *Disquisiciones mágicas*”. In *El señor Inquisidor y otras vidas por oficio*. Madrid: Alianza Editorial, 1970. p. 176.

⁴ Charles E. O’NEILL; Joaquín Ma DOMÍNGUEZ (dir.). *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*. vol 2. Madrid: Univerdidad PontificiaComillas, 2001. p. 1069.

As origens de Martin Del Rio e parte de sua formação intelectual têm base espanhola. O lado paterno vem da Cantábria – norte da Península Ibérica, mais especificamente da montanha de Santander. Sua mãe é de Aragão, da mesma família a qual pertencia Montaigne, informação fornecida pelo magistrado francês Pierre de Lancre⁵. De Lancre afirma que Montaigne e Del Rio eram parentes através da linhagem dos López, uma conhecida família de conversos aragoneses de origem judia. O pai, Antonio Del Rio, adquiriu o castelo Cleydael⁶ - que está localizado na região de Aartselaar da província de Antuérpia – em 1557, poucos anos após o nascimento de Martin Del Rio, em 17 de maio de 1551⁷.



Ilustração do ano de 1678.
www.vankasteelnaarkasteel.be/cleydael

O castelo de Cleydael está cercado pelas águas através de um fosso, e foi em sua origem um posto avançado das fortificações que protegem a Antuérpia no século XIV. Em 1561 Antonio Del Rio torna-se senhor de toda a região de Aartselaar⁸.

A família Del Rio vivia em um ambiente marcado pelas questões religiosas, que serão uma das fontes mais importantes para a atuação de Martin na sociedade européia e, especificamente, na Corte do rei espanhol Filipe II. Homem devotado a Deus e ao seu rei, lutou com afinco contra o esfacelamento do poder católico

⁵ Julio Caro BAROJA. *Martín Del Río...* op. cit. p. 175.

⁶ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. p. 18 f.

⁷ NEW Catholic Encyclopedia. New York: Mc Graw-Hill Book Co, 1967, v. 4. p.740.

⁸ Em <http://www.willebroek.info> acessado em 14/01/2011.

frente ao crescimento protestante. Na região dos Países Baixos, que incluía a atual Bélgica, sua terra natal, o crescimento do poderio calvinista foi rápido e notório, o que alarmou desde o início as autoridades fiéis ao governo católico espanhol.

O calvinismo surgiu e proliferou-se de modo bastante particular nos Países Baixos. Foi recebido de maneiras diferentes na região, pois existia uma diversidade grande dos aspectos político, econômico e geográfico – principalmente entre o norte e o sul. Jonathan Israel afirma que esta diferença não dizia respeito aos aspectos culturais locais que, esses sim, teriam sofrido uma ruptura em sua unidade após a decisiva Revolta de 1572 – que marcou o início da separação definitiva entre o norte e o sul. Para o autor, o rompimento da unidade cultural somente reforçou e ampliou uma dualidade política e econômica já existente⁹. Martin Del Rio era natural da parte norte da região de Brabante, que tinha ao sul as províncias valonas de língua francesa. Desde o século XIV pode-se dizer que a região ao sul dos rios Maas e Waal, que hoje inclui o sul da Holanda, era economicamente mais desenvolvida do que o norte, o que refletia no aspecto urbanístico das cidades. Flandres e Brabante eram as duas regiões mais populosas e desenvolvidas dos Países Baixos no final do século XV, entretanto, isto não quer dizer que havia uma submissão da região norte ao sul¹⁰. O comércio interno do norte desenvolvia-se de forma horizontal, ou seja, usualmente não ultrapassava os rios que separavam as duas regiões. A Holanda despontava como principal província do norte neste aspecto e, com a freqüente ameaça francesa nas fronteiras ao sul dos Países Baixos, não despertou inicialmente maiores atenções por parte do governo espanhol¹¹. Esta diversidade entre o sul e o norte marcou a vida de Del Rio, pois verifica-se a predominância do sul em suas andanças pela região, seja como jurisconsulto, seja como jesuíta.

Ao sul dos Países Baixos e também na Espanha Martin Del Rio cultivou uma erudição notória. Dominava nove idiomas: latim, grego, hebreu, caldeu, flamengo, espanhol, italiano, francês e alemão¹². Ainda muito novo foi a Paris dedicar-se à

⁹ Jonathan ISRAEL. *The Dutch Republic. Its rise, greatness and fall. 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press, 1998. pp. v-vi.

¹⁰ Idem. Ibidem. Pp. 12-15.

¹¹ Idem. Ibidem. Pp. 57-59.

¹² Julio Caro BAROJA. *Martín Del Río...* op. cit. p. 177.

filosofia e aos estudos clássicos¹³. Estudou na instituição jesuíta Collège de Clermont¹⁴, e dedicou-se aos ensinamentos de Juan Maldonado. Este jesuíta espanhol era natural da Extremadura e formado pela Universidade de Salamanca¹⁵, as suas aulas de filosofia e teologia sendo bastante concorridas¹⁶. Contudo, esses encontros foram brevemente interrompidos em 1569 porque Maldonado dirige-se para Poitou, onde estava Coligny, líder dos calvinistas franceses, e retorna no ano seguinte para concentrar-se na ligação entre heresia e demônios¹⁷. Neste mesmo ano sabe-se que o Collège de Clermont mantinha 3.000 alunos, inclusive pensionistas. Diante deste tremendo sucesso a Sorbonne torna-se uma rival feroz, chegando a acusar Maldonado de heresia em 1575¹⁸.

Apesar dessas informações, é difícil traçar uma rota cronológica exata que indique por onde Martin Del Rio estudou e lecionou. Sabe-se que ele doutorou-se em Leis em 1574 na cidade de Salamanca, e já entre 1577 e 1578 tornou-se vice-chanceler e procurador geral do conselho de Brabante, por indicação do governador em exercício D. João de Áustria¹⁹. Ele não era o primeiro de sua família a estar ligado diretamente ao governo espanhol nos Países Baixos. Seu pai era tesoureiro real dos confiscos do rei. Seu tio, Luis Del Rio, foi conselheiro do duque de Alba e tinha direito a voto no Tribunal de los Tumultos, criado por esse mesmo duque. Alba havia convencido o rei Felipe II de que um maior controle sobre os Países Baixos – na época governado por Margarida de Parma, filha ilegítima de Carlos V e neerlandesa por nascimento - só poderia concretizar-se com o uso da força através do envio de um exército²⁰. Era importante salientar esta ação não como uma guerra santa contra os hereges, já que do contrário poderia haver o risco de intervenção dos governantes protestantes germânicos e da Inglaterra. Entretanto, para Felipe II, seu exército católico combatia os inimigos

¹³ NEW Catholic Encyclopedia. op. cit. p.740.

¹⁴Fundado pelos jesuítas em 1563, hoje é o Lycée Louis le Grand. Ver [www. http://www.louis-le-grand.org/albedo/index.php](http://www.louis-le-grand.org/albedo/index.php).

¹⁵William BANGERT. *História da Companhia de Jesus*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa; São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 92.

¹⁶ Henri HAUSER. *La Préponderance Espagnole*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948. p. 34.

¹⁷ Johnatan L. PEARL. *The Crime of Crimes. Demonology and politics in France. 1560-1620*. Waterloo, Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 1999. p. vii. Ver também Stuart CLARK. *Pensando com Demônios*. São Paulo: Edusp, 2006. pp. 556 e 670.

¹⁸ Henri HAUSER. op. cit. p. 35.

¹⁹ NEW Catholic Encyclopedia. op. cit. p. 740.

²⁰ J. H. ELLIOTT. *La Europa Dividida. 1559-1598*. Madrid: Siglo XXI, 1973. p. 164.

rebeldes e hereges²¹. É importante destacar que os inimigos calvinistas começaram a suscitar preocupações da coroa espanhola favorecidos pela evidente fraqueza da Igreja católica nas relações que mantinha com seus fiéis. Jonathan Israel nos apresenta dados relevantes: em toda a região dos Países Baixos, com uma população de mais de três milhões de pessoas, havia somente cinco bispados – em Arras, Cambrai, Tournai, Liège e Utrecht, sendo que os quatro primeiros estavam em províncias do sul. Em 1559 houve um planejamento de reestruturação da Igreja nos Países Baixos a partir da publicação da Bula papal *super universas*²². Neste mesmo ano, o papa também garantiu a fundação da universidade de Douai para que assumisse um papel importante na revitalização do catolicismo neerlandês. Esse esforço na direção do fortalecimento da fé católica já havia sido iniciado há alguns anos. A idéia de uma reorganização da Igreja estava sendo discutida pelo Concílio de Trento desde 1545. Sua bula de convocação destacava a necessidade de determinar soluções para controvérsias dogmáticas e promover uma reforma na Igreja²³. Um dos participantes do Concílio, Pole expressou muito bem a *mea culpa* que a Igreja deveria fazer diante da situação em que se encontrava. Para ele, os católicos teriam uma grande parte da responsabilidade sobre a heresia e a decadência da moral cristã, “por não haver cultivado o campo que nos haviam confiado”.²⁴ Mais longe foi o cardeal Farnese, que defendeu o reforço dos dogmas católicos sem contudo condenar os reformadores, pois assim seria possível ouví-los nas assembléias.²⁵ As chamadas falsas doutrinas seriam condenadas com a contribuição de seus próprios propagadores, dada a extrema confiança na verdade católica e nos eruditos capazes de defendê-la.

Para que a reforma fosse feita de maneira completa, o Concílio determinou que seriam tratadas simultaneamente questões sobre dogma e reforma, indo contra a opinião papal de que o dogma seria prioridade absoluta. A partir deste momento, o Concílio estabeleceu como *remedia* a autenticidade da antiga edição da Vulgata a fim de que não houvesse confusão com edições distintas da Bíblia; a sua revisão textual junto com as versões grega e hebraica; a sua impressão e de seus

²¹ Idem Ibidem. p. 165.

²² Jonathan Israel. op. cit. pp. 74 e 143.

²³ Hubert JEDIN. *Historia del Concilio de Trento – El primer período 1545-1547*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1972. p. 18.

²⁴ Idem. Ibidem. p. 35.

²⁵ Idem. Ibidem. P. 31.

comentários controlados por uma censura prévia, assim como todos os livros de cunho teológico; e a exposição e disseminação da sagrada Escritura moldadas pela Igreja²⁶. Essas mudanças não eram suficientes, e a reforma católica precisava ser mais objetiva e agir mais profundamente na questão das almas. O teólogo Bonucci mostrou o cerne da questão a ser discutida:

...se esquece o princípio supremo da reforma católica, que cada um comece reformando a si mesmo. Olhos de lince têm bispos e sacerdotes, príncipes e povo, quando investigam as faltas dos demais; para as suas próprias são cegos como toupeiras. Se não mudamos, tempos ainda piores virão²⁷.

A heresia deve ser combatida, mas também pode ser purificadora. Neste caso, purificadora do clero, que necessitava de um aperfeiçoamento em sua formação teológica a fim de que pudesse guiar as almas de maneira mais eficiente. Para que isso ocorresse a Igreja deveria lidar com as diferentes dificuldades em cada região, sejam materiais ou espirituais. Para as mais abastadas, a nomeação de um teólogo, para as menos abastadas, um professor de gramática era requisitado. Entretanto, o que poderia ser considerado como um evento de simples resolução tornou-se um ponto decisivo no problema da eficácia da pregação: o bispo deveria necessariamente residir em seu próprio bispado, já que a sua presença era imprescindível para a orientação e verificação da atuação do clero. Em muitos casos os bispos praticamente administravam suas dioceses de longe, através de vigários gerais, para que pudessem otimizar a acumulação de benefícios²⁸.

Apesar da deficiência da formação clerical estar ligada à deficiência nas pregações, as controvérsias doutrinárias ganharam um espaço maior nas discussões de Trento. Mesmo entre católicos os debates teológicos mostravam grandes desavenças e, somado a isso, ainda tinham os clérigos que se uniram a Carlos V dentro da disputa de poderes entre o papa e o imperador²⁹. Do lado do papa, dois

²⁶ Idem. Ibidem. Pp. 65, 85-86 e 109.

²⁷ "...se olvide el principio supremo de la reforma católica, y es que cada uno comience reformándose a sí mismo. Ojos de lince (o de Linceo) tienen obispos y sacerdotes, príncipes y pueblo, cuando escudriñan las faltas de los demás; para las suyas propias son ciegos como topes. Si no cambiamos, vendrán aún peores tiempos". Idem. Ibidem. P. 108.

²⁸ Idem. Ibidem. Pp. 117-128 e 359-360.

²⁹ Idem. Ibidem. 546-547.

teólogos jesuítas foram mandados para participarem do Concílio³⁰, o que mostra o prestígio da Companhia de Jesus nessa época. Martin Del Rio entraria para a Companhia alguns anos mais tarde.

Ainda que os esforços para a reforma católica estivessem em progresso, o calvinismo avançava de forma acelerada na região sul dos Países Baixos. Antes de 1565 essa expansão era mais evidente em Flandres, Antuérpia e nas áreas valonas³¹, onde o contingente católico diminuía enquanto mais adeptos do calvinismo se revelavam. O descrédito com relação à Igreja católica foi um processo gradual e anterior ao contexto protestante, porém sabe-se que o impacto causado pelas idéias de Lutero acelerou este processo³². Uma das resistências ao avanço calvinista foi o príncipe-arcebispo de Colônia Ernst da Baviera, a quem Del Rio dedicou seu trabalho mais famoso, *Disquisitionum magicarum*. Ele assumiu esta posição de prestígio que permitia a participação na eleição imperial do Sacro Império Romano, através da deposição de seu antecessor Gebhard Truchsess Von Waldburg que havia se convertido ao calvinismo. Esta deposição realizada em 1583 não foi possível sem batalhas e a ajuda das tropas espanholas. O príncipe, educado por jesuítas, foi um importante elemento de sustentação católica na luta contra o protestantismo na Alemanha, sendo também bispo de Münster, Hildesheim, Freising e Liège³³. Na região dos Países Baixos outro homem já havia se destacado na defesa do catolicismo alguns anos antes. Em 1522 Carlos V nomeou Fran Van der Hulst inquisidor-geral do local, e no ano seguinte dois frades agostinianos foram queimados em Bruxelas. Como reação, Lutero, também um frade agostiniano, protestou na forma de uma carta a “todos amados irmãos de Holanda, Brabante e Flandres”, na qual lamentava o primeiro acontecimento de muitos que ainda viriam. Somente na Antuérpia foram executadas 161 pessoas entre 1522 e 1565, alguns luteranos, calvinistas e muitos anabatistas³⁴. Este número incluía a decisão do imperador em estabelecer tribunais inquisitoriais regionais, que não foram eficazes pela falta de recursos e pessoal e, acima de tudo, pela falta de apoio das autoridades locais – estas interpretavam a

³⁰ Idem. Ibidem. P. 156.

³¹ Jonathan ISRAEL. op. cit. P. 104.

³² Idem. Ibidem. P. 79.

³³ P. G. MAXWELL-STUART. *Martín Del Rio. Investigations into magic*. Manchester: Manchester University Press, 2009. p. 9.

³⁴ Jonathan ISRAEL. op. cit. pp. 82 e 93.

Inquisição como uma forma de driblar os privilégios das províncias e cidades. No total, cerca de 1300 pessoas foram executadas entre 1523 e 1565³⁵.

Os esforços no sentido de expulsar o protestantismo dos Países Baixos encontraram uma barreira na deficiência de bases católicas ao norte, em comparação às províncias do sul, como já foi mostrado anteriormente. Também já foi destacada a diferença nas esferas política e econômica entre as duas regiões. Esta discrepância havia perdurado mesmo com o fato de que a partir de 1428 a Holanda e Zelândia passaram a fazer parte das possessões do duque Felipe, o Bom, da Borgonha. Historicamente a Holanda era o centro de poder do norte enquanto Flandres e Brabante eram o seu correspondente ao sul. Entretanto, um resultado desta anexação foi a dependência da principal província nortista aos interesses sulistas, ilustrada pela nova base da corte borgonhesa instalada em Bruxelas a partir de 1451. O francês como a língua administrativa oficial foi um problema a mais para as províncias do norte, cuja língua era o holandês. O francês, muito pouco utilizado. Uma situação diferente vivia Flandres e Brabante, que apesar de serem províncias de língua holandesa, o francês já era tradicionalmente muito difundido devido à influência francesa na região, ausente ao norte³⁶.

1.2. O mundo de Martin Del Rio

O matrimônio de Maximiliano I de Habsburgo, imperador do Sacro Império Romano Germânico, com Maria de Valois, nascida em Bruxelas e duquesa de Borgonha e Brabante, condessa de Artois, Flandres, Hainaut, Holanda, Namur, Zelândia e Zutphen, possibilitou a posse dos Países Baixos pelo rei espanhol Carlos V, seu neto. As suas terras abrangiam as Espanhas, os Países Baixos, o Condado de Borgonha, Milão, Nápoles, Sicília, Orã, Tunis, Índias Ocidentais e Filipinas, e sua vastidão demandava um controle mais rígido para a manutenção do Império. Particularmente neste período a região dos Países Baixos foi

³⁵ Idem. Ibidem. pp. 99-100.

³⁶ Idem. Ibidem. pp. 21-23.

governada em sua maioria por mulheres. Além de Maria de Valois, sua filha Margarida de Áustria, também natural de Bruxelas, foi indicada como governadora-geral da região após o falecimento de seu irmão Filipe, o Belo³⁷. Ainda que seu sobrinho Carlos V tenha se tornado príncipe dos Países Baixos em 1516, continuou em seu posto até o ano de seu falecimento, em 1530. Foi substituída em 1531 por Maria da Áustria, irmã de Carlos V e também nascida em Bruxelas, que governou até 1555. O rei abdicou de seu trono do já formado Império espanhol durante estadia na região dos Países Baixos em 1556. Contemplou seu filho, Filipe II - exceto o Sacro Império Romano Germânico e as terras austríacas, que entregou ao irmão Fernando. Neste espaço de tempo o duque da Savóia Emanuele Filiberto assumiu a regência dos Países Baixos, mas logo após, em 1559, ano da partida de Filipe II, não aceitou continuar no cargo na ausência de seu rei e foi substituído por Margarida de Parma. Ela havia nascido e sido criada no local; estava familiarizada com as leis e a língua, e mantinha uma forte ligação com este povo. Além da tradição na nomeação de parentes próximos, talvez esta fosse uma tentativa de amenizar a imagem do rei perante a população dos Países Baixos, já que ele era visto como um governante muito mais próximo dos espanhóis, que somente falava a língua espanhola, se vestia como espanhol e estava permanentemente cercado por nobres espanhóis³⁸.

Governar os Países Baixos não era uma tarefa fácil. Nobres neerlandeses estavam descontentes com as sucessivas taxações de impostos para cobrir os enormes gastos da Coroa espanhola, e a expansão calvinista era um dos grandes problemas que o governador-geral tinha que enfrentar. Como parte de sua política, Filipe II nomeou alguns nobres neerlandeses como governadores de algumas províncias. Guilherme I de Nassau-Orange, o taciturno, foi governador provincial da Holanda, Zelândia e Utrecht; e o conde Egmont, de Flandres e Artois. Guilherme havia sido fiel a Carlos V. Entretanto, o controle efetivo estava nas mãos do presidente do conselho, o cardeal francês Granvelle. Logo depois da partida de Filipe II, Granvelle rompe com os governadores provinciais e Guilherme torna-se o seu

³⁷ Charles Maurice DAVIES. *History of Holland, from the beginning of the tenth to the end of the eighteenth century*. London: John W. Parker, West Strand, 1841. volume 1. p. 336.

³⁸ Idem. *Ibidem*. pp. 392, 490, 500 e 504.

principal rival em busca de poder³⁹. Em 1564 o cardeal perde a batalha e retira-se para o Franco-Condado.

Com o tempo, ficava mais evidente que os Países Baixos estavam sendo usados somente como um local estratégico e fonte de recursos para questões relevantes a Filipe II, mas não aos neerlandeses⁴⁰. Os descontentes cada vez mais pressionavam Margarida de Parma a interceder diante do imperador sobre as questões políticas, econômicas e religiosas. Diante deste impasse, Filipe II decide mandar aos Países Baixos Don Fernando Alvarez de Toledo, o duque de Alba, que era conhecido como um opositor ferrenho do protestantismo. Em 22 de agosto de 1567 Alba entrou em Bruxelas e encontrou-se com Margarida. Mas não estava sozinho. Atrás de si, uma tropa de 10.000 espanhóis e napolitanos, assim como alguns alemães. Alba tinha amplos poderes e Margarida de Parma, com profundo desgosto, abdicou de seu cargo. Para o temor dos neerlandeses, em seu lugar foi nomeado o duque de Alba⁴¹. Filipe II explica a seu embaixador em Roma a razão pela qual escolheu enviar no seu lugar o duque de Alba para solucionar os conflitos nos Países Baixos, especialmente a questão religiosa. Uma carta escrita em 22 de setembro de 1567 esclarece alguns pontos:

As coisas haviam chegado naquelas províncias a tal ponto que é preciso usar primeiro o rigor da justiça para passar depois à clemência e bondade. Como o primeiro é duro e pode provocar o ódio, convém que se realize durante minha ausência e através da mão de um ministro; enquanto que o segundo, que tende a conciliar os espíritos e a ganhar o amor e corações dos vassallos, deve deixar reservado para o tempo em que eu estarei presente. É o que importa fazer em proveito da religião e constitui o meu principal objetivo...⁴².

A estratégia está voltada para a promoção da reconquista dos Países Baixos, através do endurecimento da autoridade real e do catolicismo baseado nas resoluções de Trento. Diante dos números calvinistas, o imperador sabe da

³⁹ Jonathan ISRAEL. op. cit. pp. 138-139.

⁴⁰ Idem. Ibidem. p. 133.

⁴¹ Idem. Ibidem. pp. 155-156.

⁴² “Las cosas habían llegado en aquellas provincias a tal punto que es preciso usar primero el rigor de la justicia para pasar después a la clemencia y benignidad. Como lo primero resulta duro y puede provocar el odio, conviene que se realice durante mi ausencia y a través de la mano de un ministro; mientras que lo segundo, que tiende a conciliar los espíritus y a ganar el amor y los corazones de los vasallos, debe quedar reservado para el tiempo en que esté yo presente. Esto es lo que importa hacer en provecho de la religión y constituye mi principal objeto...”. Ernest BELENGUER. Del Oro al Oropel. Barcelona: Editorial Ariel, 1997. p. 102.

importância da sua ação e que esta não é uma batalha fácil. Isto porque ele exige o rigor da justiça e sabe que o ódio poderá ser uma consequência do remédio que deverá ser aplicado. Seria preciso desviar a direção do ódio ao colocar outro em seu lugar. Contudo, para que houvesse uma manutenção da ordem sob seu comando, também é necessário mostrar que é um soberano bondoso e compreensivo. No final, mostra claramente qual é foco do seu governo nos Países Baixos: defender a região dos hereges calvinistas.

No reinado de Filipe II novas dioceses e bispados foram criados e os decretos do Concílio de Trento respeitados, sendo o último bispado instalado em 1570⁴³. Além da ofensiva espiritual, o imperador travou uma batalha temporal ao permitir que o duque de Alba, ainda sob a autoridade de Margarida de Parma, instalasse em seus domínios o *Tribunal de los Tumultos*. Margarida era contra o tribunal, e este também foi um dos motivos para a sua partida. O tribunal era uma comissão extraordinária constituída por sete membros, sendo dois espanhóis, que tinha como objetivo julgar aqueles que eram considerados rebeldes⁴⁴. Segundo J. H. Elliot, o também chamado *Tribunal de la Sangre* foi responsável por 12.203 casos entre 1567 e 1573, sendo que quase 9.000 foram declarados culpados e mais de 1.000 executados⁴⁵. Jonathan Israel afirma que no total foram investigadas e sentenciadas por traição ou heresia, ou os dois, 8.950 pessoas de todas as camadas sociais⁴⁶. Alba tinha como objetivo prender os tidos como responsáveis pelas desordens, como os ministros calvinistas, iconoclastas e rebeldes que se manifestavam contra o rei⁴⁷. Em 9 de setembro de 1567 Alba aprisionou Egmont e Horn, cavaleiros da privilegiada Ordem do Tosão de Ouro que eram contrários à política religiosa do rei. Presos em pleno banquete, achavam que não deviam temer Alba porque apesar de serem contra as perseguições, eram católicos e fizeram muito por Margarida de Parma. Eles foram julgados pelo dito tribunal como cúmplices do grande rebelde Guilherme de Orange, e executados na praça do mercado de Bruxelas em 5 de junho de 1568. O destino final dos cavaleiros foi

⁴³ Jonathan ISRAEL. op. cit. p. 165.

⁴⁴ Henri HAUSER. op. cit. p. 78.

⁴⁵ J. H. ELLIOTT. op. cit. p. 168.

⁴⁶ Jonathan ISRAEL. op. cit. pp. 156-157.

⁴⁷ J. H. ELLIOTT. op. cit. pp. 167-168.

utilizado como uma grande propaganda anti-hispânica⁴⁸, o que provocou o aumento da tensão religiosa. Um fator relevante para a importância da execução de Egmont e Horn foi a participação na ordem de cavalaria. A Ordem do Tosão de Ouro foi fundada em 10 de janeiro de 1429 pelo duque da Borgonha e conde de Flandres Felipe, o Bom, em comemoração ao seu casamento com Isabel de Portugal, filha de D. João I. Tinha como principal objetivo defender a Igreja católica, o que configura mais um elemento para a punição exemplar de Egmont e Horn. Com a extinção da Casa de Borgonha na possessão dos Países Baixos, a ordem passou para a Casa de Áustria⁴⁹. Filipe II foi escolhido como mestre da ordem logo após a sua chegada aos Países Baixos, em 1555. Outros nomes relevantes que fizeram parte do Tosão de Ouro foram o duque da Savóia e o próprio duque de Alba, quando ambos foram aceitos no ano de 1546⁵⁰. É curioso observar a postura de Alba diante da execução, em carta escrita ao imperador apenas 4 dias após o acontecido.

“Dói-me na alma que sendo pessoas tão importantes e havendo Vossa Majestade feito a eles a graça e o dom que todo mundo sabe, tenham governado tão mal que tenha sido necessário chegar a tal ponto com eles. Na primeira terça-feira foram degolados na Plaza de San Blon dezoito dos que estavam presos em Vilborde; no dia seguinte 3, os dois que foram presos com as armas na mão perto de Dalen; no sábado dia cinco foram degolados na Plaza de la Villa os condes de Horn e Egmont, [...] Tenho grandíssima compaixão pela condessa de Egmont e tanta gente pobre que deixa. Suplico a Vossa Majestade tenha piedade deles e traga a eles misericórdia, com que possam sustentar-se, porque no dote da condessa não têm um ano para comer...”⁵¹.

Primeiro, Alba destaca como um favor o espaço de atuação política que o imperador concedeu aos condenados. Eles teriam contrariado a boa vontade real e, por isso, deveriam ser punidos. É interessante notar que em nenhum momento o

⁴⁸ Jonathan ISRAEL. op. cit. p. 156.

⁴⁹ Julio de ATIENZA. Nobiliario Español. Diccionario heráldico de apellidos españoles y de títulos nobiliários. Madrid: Aguilar, 1954. p. 33.

⁵⁰ Jonathan ISRAEL. op. cit. p. 135.

⁵¹ “A mi me duele en el alma que siendo personas tan principales y habiéndoles V. M. hecho la merced y regalo que todo el mundo sabe, hayan sabido tan mal gobernarse que haya sido necesario llegar con ellos a tal punto. El martes primero de éste se degollaron en la Plaza de San Blon dieciocho de los que estaban presos en Vilborde; el día siguiente 3, los dos que se tomaron con las armas en la mano cerca de Dalen; el sábado a los cinco se degollaron en la Plaza de la Villa los condes de Horn y Egmont, [...] yo he grandísima compasión a la condessa de Egmont y a tanta gente pobre como deja. Suplico a V. M. se apiade de ellos y les haga merced, conque puedan sustentarse, porque en el dote de la condessa no tienen para comer un año...”. Ernest BELENGUER. op. cit. p. 106.

duque fala em traição, mas sim de mau governo. Mau governo representado pelo não apoio à Inquisição. A falta cometida foi tão grave ao ponto de haver execução, falta esta relacionada à tentativa de impedimento à medida que pudesse frear a expansão calvinista – o principal objetivo do imperador, como já mostrado na carta anterior. Em segundo lugar, Alba sugere a Filipe II que conceda pensões à viúva e aos filhos do conde Egmont, um cuidado com a família de um homem cujo nome nobre era tradicional e muito estimado pelos neerlandeses. A convicção em aplicar a pena para os envolvidos pode ter se fortalecido com uma carta que o duque recebeu do imperador escrita 11 de outubro de 1567, ou seja, por volta de 1 mês após a prisão dos acusados. Nesta carta, Filipe II aprova a atuação rigorosa de Alba junto com a formação do tribunal, e afirma que a prisão dos condes foi “tão acertada e conveniente pelo seu bom efeito, quanto se poderia desejar e esperar de vossa prudência”⁵². Luis Del Rio, tio de Martin, participou do famoso julgamento, mas depois foi preso pelos rebeldes, já na década de 1570⁵³. Seu sobrinho faz um rápido comentário sobre este evento no *Disquisitionum magicarum*: “Ludovico Del Rio, um homem que gozava da mais alta estima, fielmente cumpriu uma tarefa para o rei e por esse motivo foi preso por traidores durante uma sessão do Senado em Bruxelas”⁵⁴.

Como resultado desta política do duque de Alba, mercadores fugiam dos Países Baixos, o poder bancário da Antuérpia ficou arruinado e houve um reforço do ódio dos neerlandeses contra o governo espanhol. Filipe II estava ciente da situação, tanto que mostrou ao duque a sua preocupação com a saída de riquezas de seu território e de uma possível sublevação devido aos encargos instituídos⁵⁵. Na oposição, Orange deixou claro que a sua revolta não era contra Filipe II como soberano, mas pelas políticas empregadas e o rigor de Alba. Ele ainda não havia se convertido oficialmente ao calvinismo, mas lutava pela liberdade de religião. A sua postura era caracterizada por uma dualidade, pois evitava um comprometimento tanto com o imperador quanto com os príncipes luteranos

⁵² Idem. Ibidem. p. 105.

⁵³ Julio Caro BAROJA. *Martín Del Río...* op. cit. pp. 178-179.

⁵⁴ “Ludovico Del Rio, a man who enjoyed the highest esteem, faithfully accomplished a task for the King and for that reason was arrested by traitors during a full session of the Senate in Brussels”. P. G. MAXWELL-STUART. op. cit. p. 44. O autor confirma em nota que Ludovico corresponde a Luis Del Rio.

⁵⁵ Ernest BELENGUER. op. cit. p. 105.

alemães⁵⁶. A resistência de Orange, as batalhas contínuas, o esfacelamento das finanças e a debilidade da saúde do duque de Alba fizeram com que em 1573 Filipe II nomeasse como governador-geral D. Luis de Requesens. Desta vez o imperador permitiu que houvesse uma abertura para negociação, e assim foi feito. D. Luis de Requesens anunciou um perdão geral – exceto para 292 casos –, extinguiu o Tribunal e permitiu a solicitação ao rei de um Conselho flamengo para as Flandres⁵⁷. Faleceu em maio de 1576.

Mesmo a mudança da intensidade da política espanhola não evitou que novas atribuições ocorressem. Diante do oscilante controle sobre os Países Baixos, que esperava a chegada de D. João de Áustria – irmão de Filipe II por parte de pai – como o novo governador-geral, em 4 de novembro de 1576 os terços invadiram e saquearam Antuérpia, cidade natal de Del Rio, por falta de pagamento. Esta unidade militar do exército espanhol promoveu onze dias de pilhagem, com um resultado significativo de pessoas mortas⁵⁸. Não se sabe exatamente qual foi o tamanho das consequências de tal investida, já que as notícias eram exploradas como uma forma de propaganda anti-espanhola⁵⁹. Mercadorias valiosas foram roubadas, casas ardiam em chamas, mulheres, crianças e idosos foram assassinados⁶⁰. O Conselho de Estado dos Países Baixos escreveu carta ao imperador no dia 6 de novembro com as últimas informações sobre o saque⁶¹. Assim confirma-se o assassinato de civis, incluindo “bons burgueses” e quaisquer outros que estivessem nas ruas ou mesmo na própria casa. Fala-se em mais de 8.000 pessoas. Diversos locais foram destruídos pelas chamas e com eles registros, contratos, acordos e convenções. A chamada “fúria de Antuérpia” foi o elemento final para estabelecer de forma definitiva a queda da cidade que havia sido considerada um dos principais entrepostos de mercadorias e grande centro financeiro⁶².

⁵⁶ Jonathan ISRAEL, op. cit. p. 162.

⁵⁷ Henri HAUSER. op. cit. pp. 99-100.

⁵⁸ J. H. ELLIOTT. op. cit. p. 266.

⁵⁹ J. H. Elliott apresenta o número de 7.000 mortos, enquanto que Jonathan Israel afirma serem 18.000 considerando a exploração propagandista dos “rebeldes”.

⁶⁰ Charles Maurice DAVIES. op. cit. volume 2. p. 37.

⁶¹ Ernest BELENGUER. op. cit. p. 117.

⁶² Henri HAUSER. op. cit. pp. 116-117.

Os acontecimentos deste período mostram claramente como a divisão política não escapava à influência religiosa. Isto porque a religião era considerada base para uma sociedade bem ordenada e, conseqüentemente, essencial para a sua sobrevivência⁶³. E com a dissidência religiosa, o que ocorria era a convergência entre membros da aristocracia convertidos ao calvinismo. O resultado então foi uma transformação do poder político, quando grupos aristocráticos se viam unidos entre si, e com outros grupos sociais, através da fé em comum⁶⁴.

Apesar da dissensão religiosa, a política espanhola era um fator comum de desaprovação nos Países Baixos. Como resultado, o norte e o sul dos Países Baixos juntam-se contra a Espanha na chamada Pacificação de Gante. Este acordo previa a expulsão das tropas espanholas e incluía a anulação dos editos de Felipe II contra a heresia. Também haveria liberdade de culto nas regiões de Holanda e Zelândia. Por ordens de D. João de Áustria, os terços se retiraram dos Países Baixos em março de 1577, sob a condição de que o catolicismo seria mantido. Holanda e Zelândia protestaram e não reconheceram D. João como seu governador-geral, mas, ainda assim, ele foi para Louvain a fim de esperar a retirada das tropas espanholas. A primeira cidade a ser evacuada foi Antuérpia, seguida de outras. D. João chega a Bruxelas aclamado pela população. Sabe-se que o governador não acreditava em uma possibilidade de paz, já que as tropas espanholas não deveriam recuar uma grande distância, no intuito de poder voltar para os Países Baixos rapidamente. Isto porque esperava que a liberdade de consciência tão almejada serviria para dividir os nobres neerlandeses. Assim, a quebra da unidade dos rebeldes seria um triunfo a mais no caminho para a reconquista⁶⁵. Em meio à ocorrência de tantos acontecimentos, Brabante e Flandres já contavam com muitos calvinistas. Neste ambiente hostil ocorreram uma série de levantes contra o governo dos magistrados católicos destas regiões – do qual Martin Del Rio fazia parte, nos anos de 1577 e 1578⁶⁶. Alguns integrantes do governo faziam parte da nobreza local, mas a corte de D. João ainda estava repleta de espanhóis, o que motivava ainda mais esse tipo de revolta. Assim, em

⁶³ J. H. ELLIOTT. op. cit. pp. 89-90.

⁶⁴ J. H. ELLIOTT. op. cit. p. 94.

⁶⁵ Charles Maurice DAVIES. op. cit. pp. 46 e 53.

⁶⁶ J. H. ELLIOTT. op. cit. p. 267.

1577 Guilherme de Orange foi escolhido como o novo governador de Brabante⁶⁷. O núcleo da família Orange-Nassau já estava instalado em um castelo na cidade de Breda, ao norte da província⁶⁸.

Em 1º de outubro de 1578 D. João de Áustria faleceu de tifo⁶⁹, e Alessandro Farnesio foi seu substituto. Era um príncipe italiano, filho de Margarida de Parma, e havia sido educado na corte espanhola. Sua competência, aliada aos desencontros entre norte e sul que impediam a união dos Países Baixos, ajudaram a uma retomada do controle por parte da Espanha. Contudo, a divisão dos Países Baixos já era inevitável. Em 1579 uma reação católica fez com que as províncias do sul fizessem a União de Arras, que garantia apoio à Coroa espanhola. Como reação, as províncias do norte fizeram um acordo a través da União de Utrecht, que garantia liberdade ao culto religioso. Esta separação entre norte e sul seria irreversível, e até certo ponto esperada. A atuação das forças de combate repressoras espanholas tinham dificuldades de agir acima dos rios Maas e Waal, território distante do centro político localizado na região sul. Além disso, o protestantismo se alastrou no norte de maneira a abarcar grande parte da elite neerlandesa, que via a ameaça da perda de riquezas e influência cada vez mais próxima diante da rigidez político-religiosa espanhola⁷⁰.

Martin Del Rio havia nascido na Antuérpia, e atuou nesta região durante grande parte do tempo em que residiu nos Países Baixos. A União de Utrecht era contrária às convicções católicas de Del Rio, e pode ter sido um incentivo a mais para que seguisse um caminho considerado por ele mais eficiente no combate às heresias, que tanto o haviam afetado: a vida religiosa.

1.3. Pistas impressas

⁶⁷ Charles Maurice DAVIES. op. cit. p. 49 e 56; Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* p. 84 f.

⁶⁸ Jonathan ISRAEL, p. 26.

⁶⁹ J. H. ELLIOTT. Op. cit.. p. 276.

⁷⁰ Jonathan ISRAEL. op. cit. pp. 169-170.

O *Disquisitionum magicarum* foi a obra mais difundida de Martin Del Rio, porém não foram poucos seus outros trabalhos impressos. Neste ponto, existem algumas discordâncias em relação ao que o autor escreveu, e principalmente com relação às datas de impressão. O próprio *Disquisitionum magicarum*, que parece consenso ter sido impresso em 1599 em Louvain, ainda é apresentado por algumas obras com a data de 1593 em Mainz⁷¹. As principais obras de referência consultadas até o momento, além das já citadas, foram as Enciclopedia Cattolica, Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana, The Catholic Encyclopedia, New Catholic Encyclopedia, o Dictionnaire de la Bible e o Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús.

O primeiro trabalho de que temos notícia foram os Comentários sobre Claudius Claudianus, poeta romano do século IV, com edição na Antuérpia em 1571. Um ano depois, na mesma Antuérpia, temos outros Comentários, desta vez sobre o gramático do século III Gaius Julius Solinus. Este, segundo Caro Baroja, era um autor muito crédulo quanto à existência de seres fantásticos, e que pode ter tido vasta influência nos escritos do Martin Del Rio mais maduro⁷². Note-se que ele foi um dos difusores de imagens de seres fantásticos que ainda povoavam as mentes dos homens renascentistas⁷³. Outro romano objeto de estudos por parte de Martin Del Rio, já doutor em Leis, foi o filósofo Sêneca, do século I. Os Comentários que fez sobre este autor foram realizados na Antuérpia, entretanto a New Catholic Encyclopedia nos fornece o ano de 1574, enquanto a Enciclopedia Cattolica, o Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús e Baroja afirmam que o texto foi impresso em 1576. Três anos depois de tornar-se procurador-geral, e dois anos depois de tornar-se vice-chanceler, Martin del Rio decide iniciar o noviciado na Companhia de Jesus em Valladolid, em 9 de maio de 1580. Neste mesmo ano foi impresso em Paris um texto sobre Direito Civil chamado *Ex miscellaneorum scriptoribus digestorum, codices et institutionum iuris civilis interpretatio*. Neste caso, pode-se confirmar data e local de impressão através da existência de um exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com carimbo da Real

⁷¹ Charles E. O'NEILL; ; ortugu Ma DOMÍNGUEZ (dir.). op. cit. p. 1069; e ENCICLOPEDIA Universal Ilustrada Europeo Americana: Versiones de la mayoría de las ortu en francés, italiano, ortug , alemán, ortuguês, catalán, esparanto [sic]. Madrid: Espasa-Calpe, [19-], v. 17. p. 1540.

⁷² Julio Caro Baroja. *Martín Del Río...* op. cit. p. 182.

⁷³ Idem Ibidem. p. 241.

Bibliotheca. Temos ainda um Comentário sobre um texto do Antigo Testamento, Cântico dos Cânticos, impresso em Ingolstadt no ano de 1604; um texto sobre as virtudes da Virgem Maria em 1607 – o Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús o localiza em Lyon; um Comentário sobre as lamentações de Jeremias e outro sobre Gênesis, também em Lyon – o Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús data de 1607, enquanto que a Enciclopedia Cattolica, a New Catholic Encyclopedia e o Dictionnaire de la Bible dão como certa a data de 1608. Tanto a The Catholic Encyclopedia, quanto a Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana ainda adicionam outros títulos sob a autoria de Del Rio. Com grandes semelhanças, o verbete provavelmente foi copiado de um para outro, sendo impossível detectar a fonte original já que a data de edição da Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana não foi localizada. As duas enciclopédias incluem na lista de obras de Del Rio, sem data nem local, um comentário sobre o antigo poeta romano Quintus Ennius, do século I a. C.; um comentário sobre Florus, autor do qual as enciclopédias não especificam o nome completo; notas sobre os poetas cristãos St. Orientius e St^o. Adelmo; panfletos controversos contra o convertido calvinista francês José Escalígero⁷⁴; *Adagialia sacra veteris Testamenti*, texto que é uma explicação de expressões proverbiais no Velho Testamento⁷⁵; e uma "História Bélgica", sobre as desordens então ocorridas nos Países Baixos. Esta última obra se refere aos acontecimentos na região sob o governo de D. João de Áustria, já que foi localizada uma obra sua sob o título de *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte*. Sem data da primeira impressão, esta continua sendo uma fonte riquíssima sobre as revoltas contra o governo espanhol nos Países Baixos, e impressiona pela riqueza de detalhes. Sua análise em um próximo capítulo permitirá um maior conhecimento sobre a história local e, principalmente, sobre as convicções, esperanças e lutas que o autor possui e trava através da escrita.

A partir das obras relacionadas acima, pode-se perceber uma linha de interesse do autor com relação a textos poéticos. Mesmo as análises bíblicas dão preferência a

⁷⁴ Também citado por New Catholic Encyclopedia, que data em 1607.

⁷⁵ Também citado por New Catholic Encyclopedia e Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús, com data de 1610. O Dicionário ainda complementa com a informação sobre o local de impressão: Lyon.

este tipo de texto. Também chama a atenção a substituição da preferência pelas obras de autores romanos pelas obras religiosas após o noviciado. A ligação entre os interesses literários de Martin Del Rio com o ambiente em que viveu pode esclarecer algumas dúvidas iniciais. Ele instruiu-se e lecionou nas instituições católicas mais influentes da Europa⁷⁶. Estudou no já citado Collège de Clermont em Paris, mas também em Douai, Salamanca e Louvain, onde já doutor dedicou-se ao latim no Collegium Trilingue, com Cornelius Valerius. Del Rio havia iniciado os estudos do latim há tempos em sua cidade natal⁷⁷. Vale lembrar que a Universidade de Douai constituiu uma das principais medidas tomadas na região dos Países Baixos para que houvesse um fortalecimento do catolicismo⁷⁸. Segundo as obras de referência consultadas, Del Rio lecionou filosofia, teologia e exegese nas cidades de Douai, Liège, Louvain, Graz e Salamanca. Todas conviviam cotidianamente com o embate entre católicos e protestantes, umas em um aspecto menos atribulado e outras em um aspecto mais expansivo e furioso, como as cidades neerlandesas. Este ambiente tumultuado do ponto de vista religioso e político marcou os passos de Del Rio, assim como suas obras. Ele dava seus primeiros passos nos estudos clássicos em Paris na década de 60, quando havia alta ameaça protestante na região, e estava nos Países Baixos no final da década de 70, como importante membro do governo espanhol, quando esta ameaça já se espalhava em território neerlandês. O texto sobre D. João de Áustria e o próprio *Disquisitionum magicarum* são pistas mais evidentes sobre esta relação. O Dicionário Histórico de la Compañía de Jesús informa que Del Rio pediu permissão para voltar à Espanha e entrar para a Companhia de Jesus por estar impressionado com a morte de D. João de Áustria, que ocorreu em 1578. Entretanto, os fatos são mais complexos e merecem uma análise mais cuidadosa.

1.4. No caminho da Companhia de Jesus

⁷⁶ Stuart CLARK. Op. cit. p. 556.

⁷⁷ Charles E. O'NEILL; asse n Ma DOMÍNGUEZ (dir.). op. cit. p. 1.540.

⁷⁸ J. H. ELLIOTT. Op. cit. p. 130.

As razões que fizeram Martin Del Rio decidir por um caminho religioso ainda são obscuras. O autor não explica esta mudança de maneira clara na edição do *Disquisitionum magicarum* que foi consultada aqui, somente expressa contentamento por tê-lo feito. Ele o faz, por exemplo, ao afirmar que “*quem poderia crer, que vinte anos depois de ter **felizmente** passado dos Tribunais a uma vida Religiosa, eu ainda tivesse que voltar a este tema?*”⁷⁹ [grifo meu]. Sabe-se que entre 1577 e 1578, ou seja, pouco tempo antes desta decisão, Del Rio foi nomeado procurador geral de Brabante. Em julho de 1578 passou a ser também o vice-chanceler da região⁸⁰. A nomeação de juristas para a administração provincial no lugar de nobres inexperientes era uma prática que havia se tornado corrente a partir da primeira metade do século XVI, sob o governo de Carlos V, com o desenvolvimento da burocracia⁸¹. No momento em que Martin Del Rio assume seus cargos, magistrados católicos sofrem represálias dos movimentos contrários às políticas do rei espanhol e ao governador geral D. João de Áustria. Como já foi indicado, Guilherme de Orange chega a ser o novo governador de Brabante. Neste ponto, pode-se afirmar que Martin Del Rio foi atacado diretamente, já que os rebeldes calvinistas tomaram o controle dos governos da região e, como procurador geral, provavelmente teve seu cargo ameaçado. Martin não foi o único de sua família a ser diretamente afetado pelas revoltas calvinistas. A prisão de Luis Del Rio ocorreu em 1576, junto à de seu irmão, pai de Martin⁸². Antonio Del Rio era tesoureiro geral dos confiscos do rei, e foi detido a mando do Barão de Hesse para que o Tesouro ficasse embargado⁸³. A justificativa das prisões foi o favorecimento de espanhóis em detrimento dos locais, e, assim, o Barão evitava que o povo, armado, os atacasse⁸⁴. Também não se deve descartar a influência que a “fúria de Antuérpia” deve ter exercido sobre a família Del Rio, principalmente em Martin. Além do impacto do massacre, no mesmo mês apresenta-se D. João de Áustria para governar a região, e já no ano seguinte Del Rio ocupava seu cargo em Brabante.

⁷⁹ “Qui eust iamais creu de moy, que vingt ans apres estre heureusement asse des Tribunaux à vne vie Religieuse, ie deusse encor reuenir à ceste Rubrique de Masuer?”. Martin DEL RIO. op. cit. pp. 715-716. Del Rio refere-se ao Livro V, sobre os procedimentos adequados dos juizes com relação a mágicos e feiticeiros.

⁸⁰ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. p. 136 v.

⁸¹ Jonathan ISRAEL. op. cit. p. 38.

⁸² Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. p. 19 f.

⁸³ Idem. Ibidem. p. 18 f.

⁸⁴ Idem. Ibidem. p. 18 v.

Caro Baroja afirma que o fracasso de Del Rio como jurista o teria levado aos jesuítas, já que ele abandonou totalmente as Leis e concentrou-se em uma ação contra a heresia de maneira mais teórica do que prática. Na Companhia de Jesus, onde “brilhavam os grandes gênios que se empenharam em uma luta decisiva contra a Reforma”, Del Rio poderia seguir com aqueles que admirava desde sua época de estudante⁸⁵. O fracasso como jurista pode estar relacionado ao fato de que Del Rio não conquistou muitos cargos importantes e, quando alcançou as posições de vice-chanceler e procurador-geral, estas lhes foram retiradas rapidamente pelos calvinistas. Entretanto, nos concentraremos na segunda parte do argumento de Baroja: no fato de que a Companhia de Jesus era muito importante na Igreja pós-tridentina, pois formava um clero capaz de debater de maneira consistente os argumentos protestantes com “as armas mais modernas do debate teológico”⁸⁶. E sua maneira de lutar era através dos sermões e do ensino⁸⁷. Ao acompanhar os jesuítas, nos Países Baixos desde 1556⁸⁸, Martin Del Rio teria condições mais sólidas para refutar os hereges e, com isso, livrar a região da ameaça latente dos protestantes.

O caminho para a vida religiosa já estava decidido, mas existiam outros fatores para que a Companhia de Jesus fosse escolhida. A importância dada pelos jesuítas a um caráter Humanista nas discussões pode ter atraído Del Rio, mais do que, por exemplo, a pura Teologia dos dominicanos⁸⁹. Além disso, Del Rio estudou no Collège de Clermont, uma instituição jesuíta. Outro fator, que já fora mencionado, consiste em uma etapa decisiva neste processo: o *sangue impuro* de suas origens maternas. A Companhia de Jesus era mais maleável neste ponto do que as outras Ordens religiosas, que exigiam provas minuciosas e custosas da limpeza de sangue dos candidatos. Sabe-se que nesta época existiam jesuítas famosos com

⁸⁵ Julio Caro BAROJA. *Martín Del Río...* op. cit. p. 180.

⁸⁶ J. H. ELLIOTT. op. cit. p. 151.

⁸⁷ Henri HAUSER. op. cit. p. 30.

⁸⁸ Idem. Ibidem. p. 130. A Companhia de Jesus instalou-se nos Países Baixos no mesmo ano da abdicação de Carlos V, que fazia oposição a esta nova empreitada dos jesuítas. É curioso perceber que, assim como em Paris, quando a Companhia sofreu ataques da Universidade de Sorbonne, nos Países Baixos os jesuítas sofreram a hostilidade da Universidade de Louvain, mostrando que o monopólio da teologia e da ação católica contra os protestantes era muito disputado.

⁸⁹ Julio Caro BAROJA. *Martín del Río...* op. cit. p. 181.

pelo menos metade, um quarto ou um oitavo de sangue não católico⁹⁰. Sem impedimentos e com ressentimentos, Martin Del Rio entra para a Companhia de Jesus com a mesma certeza que levou consigo até o final de seus dias.

Em 1580 a Companhia de Jesus já apresentava 5.000 membros e 144 colégios, constituindo a maior força católica contra a ameaça protestante⁹¹. Antuérpia já havia recebido seu primeiro colégio em 1575, com professores majoritariamente espanhóis⁹². As atribulações cada vez mais constantes nos Países Baixos possivelmente dificultaram a atuação dos jesuítas, protegidos pela Coroa espanhola. Este fator pode ter sido decisivo para que Del Rio iniciasse seus estudos como aspirante a jesuíta em Valladolid. Contudo, Del Rio provavelmente ordenou-se em Louvain, e fez seus últimos votos em 25 de abril de 1599 em Mons, na região de Hainaut, na atual Bélgica⁹³. Levou dezenove anos para os últimos votos, e, no mesmo ano, finalizou seu tratado sobre magia. O *Disquisitionum magicarum* tinha um propósito muito específico: “Muitos da Sociedade de Jesus se opõem aos Heréticos, e os combatem corajosamente por seus Escritos”⁹⁴. Ao escrever sobre magia e bruxaria, o autor contribui para a idéia de que a fronteira entre estes termos e a heresia protestante era muito tênue. Cita Maldonado ao afirmar que o calvinismo espalhou a bruxaria pela Europa. Seguindo o mesmo raciocínio, De Lancre estabelece que as bruxas bascas “foram criadas entre os erros do calvinismo”⁹⁵. No prefácio do *Disquisitionum magicarum*, Del Rio ainda afirma que os inquisidores Sprenger e Nider atuaram na perseguição de bruxas na Alemanha luterana, onde eram abundantes em número⁹⁶. Por sua vez, a magia também está intimamente relacionada à heresia. Del Rio afirma: “certamente que as imundícies da Magia acompanham a heresia, e a seguem como a sombra faz com o corpo...”⁹⁷. Esta era sua contribuição no combate à heresia, já que ela estava em todos os lugares, e não somente nos Países

⁹⁰ Idem. Ibidem.

⁹¹ Henri HAUSER. op. cit. p. 36.

⁹² William BANGERT. Op. cit. p. 102.

⁹³ Charles E. O'NEILL; Joaquín Ma DOMÍNGUEZ (dir.). op. cit. p. 1069.

⁹⁴ “Plusieurs de la Societé de IESVS se sont opposez aux Heretiques, & les ont vaillamment combatus par leurs Escrits”. – Martin DEL RIO. op. cit. p. 9.

⁹⁵ H. R. TREVOR-ROPER. *Religião, Reforma e Transformação Social*. Lisboa: Ed. Presença/Martins Fontes, 1972. p. 144.

⁹⁶ Martin DEL RIO. op. cit. p. 7.

⁹⁷ “Certainement que les ordures de la Magie accompagnent l'heresie, & la suyuent comme l'ombre fait le corps...”. Idem. Ibidem. p. 7.

Baixos. O sucesso do tratado fazia parte deste contra-ataque, mas sua fama era menos notável na própria Espanha, onde havia estudado. Isto porque esta notoriedade internacional deve-se também à existência das circunstâncias de sua origem, educação e atuação⁹⁸. Apesar desta constatação, Baroja baseia-se em Nicolás Antonio e sua *Bibliotheca Hispana Nova* para sustentar que Martín Del Río era espanhol. Ele nasceu na Antuérpia, mas suas origens espanholas e sua vinculação à Espanha fariam com que ele fosse considerado mais espanhol do que flamengo⁹⁹. Del Río também mostraria um certo *espanholismo* em seus escritos, mas este ponto não é desenvolvido pelo autor¹⁰⁰. Contudo, algumas páginas mais adiante, Baroja admite que Del Río se mostrava um brabantino nos textos que escreveu, inclusive referia-se à sua terra natal com estima¹⁰¹. Também afirma que ele passou grande parte de sua vida fora da Espanha, e que em seu tratado estão muitos autores que eram pouco utilizados pelos espanhóis. Del Río mostra conhecimento de fatos e aspectos germânicos, e cita textos de autores protestantes famosos¹⁰². Porém, para sustentar a tese de que Del Río era mais espanhol do que flamengo, Baroja afirma que “uma coisa é o ambiente e outra o indivíduo”¹⁰³. E, além disso, segundo Baroja, Del Río estaria em contradição com outros autores contemporâneos, até mesmo católicos¹⁰⁴. Pode-se concluir, depois desta leitura, que Baroja considera Del Río como um homem singular, diferente de outros autores que viviam no mesmo ambiente, sejam espanhóis, sejam flamengos. Isto porque havia escrito “... um livro que, sendo de um jesuíta espanhol, tem, até certo ponto, caracteres pouco espanhóis e pouco jesuíticos. Pouco espanhóis quanto ao conteúdo e à forma; pouco jesuíticos, porque, segundo foi dito, na mesma geração de Del Río, e depois, surgem muitos jesuítas que combatem o que era aceito por ele e por outros homens como ele”¹⁰⁵. Portanto, apesar de apresentar *espanholismos*, o livro ostenta poucos caracteres espanhóis. O que poderia soar

⁹⁸ Julio Caro BAROJA. *Martín Del Río...* op. cit. pp. 173-174.

⁹⁹ Idem Ibidem. p. 174.

¹⁰⁰ Idem Ibidem. p. 176.

¹⁰¹ Idem Ibidem. p. 178.

¹⁰² Idem Ibidem. p. 185.

¹⁰³ “Pero em cosa es el ambiente y otra el individuo”. Idem Ibidem. p. 186.

¹⁰⁴ Idem Ibidem. p. 186.

¹⁰⁵ “... em libro que, siendo de em jesuíta español, tiene, hasta cierto punto, caracteres poco españoles y poco jesuíticos. Poco españoles em cuanto al fundo y la forma; poco jesuíticos, porque, según va dicho, em la misma generación de Del Río, y después, surgen muchos ontradi que combaten lo aceptado por él y por otros hombres como él”. Idem Ibidem. p. 188.

como uma contradição é explicado pela peculiaridade do espírito do jesuíta flamengo. Baroja acredita que

... Del Rio resulta de um clássico exemplo de homem de sua época, da época filipina em que num mesmo indivíduo podiam existir, em estado de luta, os valores, os preconceitos e as idéias mais contraditórias, os fermentos étnicos e culturais mais difíceis de ajustar¹⁰⁶.

Da mesma forma, acreditamos que o ambiente influencia o indivíduo de maneira decisiva. Tal foi a base desta pesquisa sobre a vida de Martin Del Rio, ao relacionar diretamente o contexto histórico com sua vida e as obras que produziu.

Uma análise mais interessante sobre Martin Del Rio é apresentada por José Pedro Paiva, no livro *Bruxaria e Superstição num país sem “caça às bruxas”. 1600-1774*. A existência de especificidades regionais características em demonologias fez com que José Pedro Paiva se aprofundasse no estudo sobre o caso português, para chegar a uma conclusão que para esta pesquisa é essencial. Segundo ele, os autores de manuais de caça às bruxas provenientes de regiões onde a perseguição fora mais rígida inspiravam-se moderadamente na doutrina de São Tomás de Aquino. Este sistema filosófico distancia-se da “descrição aterrorizada e aterrorizadora”¹⁰⁷ dos manuais produzidos do século XV ao XVII, pois além de restringir a capacidade das bruxas na realização de malefícios, também enfatiza de maneira contundente a necessidade de autorização divina para a ação diabólica. Neste caso, os poderes do diabo são extremamente limitados. É por isso que existe uma diferença consistente entre a doutrina de São Tomás de Aquino e autores como Del Rio, com relação à atitude perante o problema da heresia:

Tomás não estava aterrorizado com a seita das bruxas, nem nunca proclamou a sua impiedosa destruição, menos advogou a instauração de procedimentos jurídicos especiais que permitissem detectar e combater uma imaginada seita de adoradores do Diabo, como o fizeram muitos dos tratadistas que, é certo, se apoiaram no seu saber, citando-o, para justificar a existência de sortilégios realizados com a intervenção do Diabo¹⁰⁸.

¹⁰⁶ “...Del Río resulta em clásico ejemplo de hombre de su época, de aquella época filipina em la que em em mismo individuo podían darse, em estado de lucha, los valores, los prejuicios y las ideas más ontraditórias, los fermentos étnicos y culturales más difíciles de ajustar”. Idem. Ibidem. p. 176.

¹⁰⁷ José Pedro PAIVA. *Bruxaria e Superstição num país sem “caça às bruxas”. 1600-1774*. Lisboa: Editorial Notícias, 2002. p. 339.

¹⁰⁸ Idem. Ibidem. p. 339.

Portanto, segundo José Pedro Paiva, tratadistas originários de regiões severas quanto à perseguição às bruxas baseavam-se na doutrina tomista para confirmar a existência de malefícios, mas a influência concentrava-se nesta ratificação. Desta maneira o autor afirma que percorre o caminho oposto daquele proposto por Julio C. Baroja, de que a rigidez da repressão às bruxas estava diretamente ligada à substituição da doutrina de Santo Agostinho pela de São Tomás de Aquino¹⁰⁹. Sabe-se que Martin Del Rio doutorou-se em Leis na Universidade de Salamanca que, segundo Paiva, era um dos centros difusores da doutrina tomista e da excelência em estudos teológicos¹¹⁰. A escolha por Salamanca parece ter influenciado as atitudes e decisões de Del Rio, pois transparece tanto no *Disquisitionum* quanto na entrada para o noviciado.

Martin Del Rio era um católico de família abastada, mas de sangue impuro; um jurisconsulto, mas que decidiu tornar-se jesuíta; um autor de um conhecido tratado sobre magia, mas que dedicou grande parte de sua vida a desconhecidas interpretações de textos poéticos. Viu sua família perder suas posses em meio à batalha contra o calvinismo: o castelo de Cleydael fora saqueado porque seu pai era espanhol e estava a serviço do rei católico. Sem riquezas e jóias, se apoderaram de muitas pinturas de artistas famosos e de uma livraria diversificada composta por impressos e manuscritos¹¹¹. A propriedade foi vendida para um calvinista chamado Gillis Hooftman¹¹² - um grande mercador amigo de Orange¹¹³ que costumava emprestar significativas quantidades de dinheiro à cidade de Antuérpia na segunda metade do século XVI¹¹⁴. Martin Del Rio faleceu em Louvain no dia 29 de outubro de 1608 pondo fim a uma vida marcada pelos conflitos religiosos, e sempre no campo de batalha.

¹⁰⁹ Idem. Ibidem. p. 339.

¹¹⁰ Idem Ibidem. p. 338.

¹¹¹ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. p. 29 f.

¹¹² Idem Ibidem. p. 70 f.

¹¹³ Em: <http://www.gresham.ac.uk/event.asp?PageId=108&EventId=713> acessado em 14/02/2010.

¹¹⁴ Em http://www.neha.nl/specialcollections/pdf/0319nisp_inv.pdf acessado em 15/01/2011.

CAPÍTULO II: Comentários sobre as atribuições ocorridas nos Países Baixos após a chegada de D. João de Áustria até sua morte: primeiras abordagens

O governo de D. João de Áustria nos Países Baixos foi decisivo na vida de Martin Del Rio. Durante dois anos o jurista ocupou cargos públicos com algum prestígio na região, devido à proximidade de sua família com o governante, e viu a esperança na eliminação dos calvinistas florescer e morrer neste curto espaço de tempo. D. João de Áustria foi nomeado governador-geral em 1576 e lá chegou carregado pelo triunfo obtido na célebre vitória da Batalha naval de Lepanto, contra os turcos, em 1571. Sua morte ocorrida em 1578 contribuiu para que Del Rio escrevesse sobre as atribuições passadas em sua terra natal neste período. É uma obra de história que tem como um de seus principais objetivos restaurar a grandeza de D. João e contribuir para que sua fama e glória não sejam apagadas¹¹⁵. A lealdade do autor com o seu senhor pode remeter à fidelidade cavaleiresca medieval, inclusive pela decisão de Martin em assinar como Rolando – um cavaleiro de Carlos Magno, tema de poesias épicas, que lutou contra os sarracenos. Contudo, a possibilidade de análise mais detalhada do texto mostra como o autor se insere no contexto da escrita da história do século XVI, e de que maneira elementos significativos que compõem a obra obedecem ao contexto que lhe é contemporâneo.

Os comentários sobre as sublevações ocorridas nos Países Baixos após a chegada do governador-geral D. João de Áustria foram compostos em latim, e consiste em cinco livros organizados sob a ordem cronológica dos acontecimentos. O Livro I trata da descrição geográfica e política de Flandres¹¹⁶, e depois consiste na descrição dos eventos ocorridos desde a partida de Felipe II até a chegada de D. João de Áustria a Luxemburgo. O Livro II retoma os fatos até sua ida a Bruxelas. O Livro III trata da atuação de D. João em Bruxelas até a ocupação que promoveu ao castelo de Namur e a prisão de ministros do rei. O Livro IV inicia a partir da volta de D. João a Luxemburgo até o retorno dos espanhóis a Flandres. E, por

¹¹⁵ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. p. 150.

¹¹⁶ Martin Del Rio utiliza o termo Flandres para designar as 17 províncias dos Países Baixos.

último, o Livro V trata desde a chegada do príncipe de Parma até a morte de D. João. A edição que será considerada neste trabalho consiste em uma tradução espanhola impressa em 1601 e assinada por Rodrigo de Medina y Marzilla. Quase não há informações sobre Marzilla, porém alguns esclarecimentos estão presentes na dedicatória que deixou na obra. Sabe-se que não era um homem dedicado exclusivamente às letras porque menciona a falta da prática do latim, que seria necessária para uma tradução melhor, por exercer carreira militar¹¹⁷. É curioso observar como os soldados espanhóis do século XVI mantinham uma relação próxima com a literatura, e seus textos narravam suas aventuras através de uma estética mais popular. Não à toa a Espanha presenciou um crescimento de textos de memórias militares entre a metade do século XVI e do XVII”.¹¹⁸ Ele assina a dedicatória com local e data: Nápoles, quatro de abril de 1600, quando a Espanha ainda ocupava a região italiana. Andres de Prada, cavaleiro da Ordem de Santiago, membro do Conselho do rei e secretário de Estado, foi o contemplado pelo oferecimento do tradutor. Sua história de vida está intrinsecamente ligada à história escrita por Martin Del Rio, pois esteve ao lado de D. João de Áustria na Batalha de Lepanto e nas ações tomadas contra os rebeldes pelo governo espanhol nos Países Baixos. Após a morte do governador-geral, foi escolhido por Filipe II como seu secretário pessoal e de guerra, sendo que no reinado de Filipe III foi secretário do Conselho de Estado. Rodrigo Marzilla inicia a dedicatória explicando que realizou esta tradução com o objetivo de permitir o acesso à obra daqueles que são ignorantes no latim. Provavelmente desejava que homens de guerra pouco instruídos na língua pudessem aprender com o exemplo de soldados espanhóis nas atribuições ocorridas na região dos Países Baixos. Entretanto, mais adiante mostra um outro objetivo mais pessoal ao ressaltar como Andres de Prada foi benfeitor com seus vassalos, principalmente soldados. Como membro da Ordem de Santiago ele obedecia à lei da cavalaria de ajuda aos necessitados, o que considera de extrema importância, já que os soldados são “desfavorecidos, esquecidos e quase oprimidos”. Poderiam representar, segundo ele, um dano à Cristandade¹¹⁹.

¹¹⁷ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. s. p.

¹¹⁸ Ed. FUETER. *Histoire de l'historiographie moderne*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1914. p 292.

¹¹⁹ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. s.p.

Rodrigo Marzilla enfatiza que o fato de enviar os ditos Comentários a Andres de Prada não significa que busque alguma confirmação dos eventos relatados por Martin Del Rio. Ele não tem dúvidas quanto à veracidade da obra, que mostra as decisões tomadas por D. João de Áustria e indica suas virtudes, as quais imita em vida. A preocupação em inserir na pequena dedicatória elementos relacionados à verdade narrada e ao aprendizado através das virtudes descritas constitui uma característica marcante da noção de história no século XVI, que será base para que Martin Del Rio desenvolva seus Comentários.

2.1. A história e as histórias das revoltas neerlandesas no século XVI

A escrita da história no século XVI está diretamente ligada à valorização do que é propriamente humano, em contraste com a centralidade que a concepção de Deus ocupa na Idade Média. A relação com o divino permanece, mas passa a ser enfatizada no nível terreno. Desta maneira, o homem ganha uma certa consciência do poder de suas decisões no mundo, e o exemplo dado pelos gregos e romanos na Antiguidade seria a melhor fonte de aprendizado. Autores clássicos como Tito Lívio e Salústio estavam presentes nas bibliotecas dos eruditos, que eram os principais consumidores destes textos¹²⁰. Os gloriosos tempos de Atenas e de Roma indicavam o potencial do homem que poderia ser alcançado.

A historiografia clássica está voltada para a conservação da lembrança de fatos e de homens ilustres, que resulta na construção de uma imortalidade terrena. Esta imortalidade depende de um fator que está além do texto propriamente dito: o espectador, que ouve a narração das histórias. Ele também é um elemento-chave para a sua perpetuação. A importância da manutenção da imortalidade era justificada pela concepção de história como uma fonte de exemplos para o homem. Esta idéia está ligada à existência de uma vida ativa dentro do espaço público e, portanto, a história ensinaria aos homens comportamentos adequados

¹²⁰ José Manuel Prieto BERNABÉ. “‘Recibida y admitida de todos...’. La lectura de la historia en la sociedad madrileña del Siglo de Oro”. In: *Revista Hispania*. LXV/3, n. 221, 2005. p. 20.

diante de seu objeto, a política. Era um exercício de construção literária com vocação pedagógica voltada para a vida pública. A exemplaridade, positiva ou negativa, constituía o modo central da história mestra da vida. A expressão *historia magistra vitae*, cunhada por Cícero para indicar o pragmatismo da história através da instrução via exemplos, permaneceu como base da produção histórica até o século XVIII – considerando variações no seu significado. Reinhart Koselleck destaca o papel indispensável da imutabilidade de premissas e pressupostos para que o ensinamento moral e intelectual pela história fosse possível. E era o que ocorria de uma maneira geral, possibilitando a similitude dos fatos ocorridos ou a existência de uma transformação extremamente lenta¹²¹. Diante desta concepção, a escrita da história se concentra mais na verossimilhança do que na descrição completamente fiel aos fatos. Não há uma possibilidade legítima do elemento ficcional que leve ao distanciamento do evento ocorrido, mas a adição de diálogos como uma ferramenta de auxílio pedagógico era constantemente utilizada¹²².

O resgate da historiografia clássica pelos humanistas dos séculos XIV e XV reforça esta concepção de história, inclusive a eliminação de detalhes que não contribuiriam para o aprendizado político ou moral e a adoção de discursos fictícios. No século XVI, apesar de representar uma evidência de que o modelo de história mestra da vida permanece, Nicolau Maquiavel apresenta limites definidos com relação às novas questões que surgem neste contexto. Para ele, a excessiva licença da verossimilhança havia comprometido o caráter pedagógico da história, já que a preocupação com a exemplaridade havia afastado o mundo dos homens do mundo dos livros. A moral exaltada pela tradição histórica poderia ser ineficaz no âmbito político.¹²³ A escrita da história ainda era a fonte de aprendizado dos homens, mas focada na arte de governar e, por isso, seria possível recomendar ações no exercício da política condenáveis no lado privado¹²⁴. É um pensamento baseado na história mestra da vida que deveria ser repensada em alguns de seus

¹²¹ Reinhart KOSELLECK. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto/Ed. PUC-rio, 2006. pp. 42-43.

¹²² B. A. HADDOCK. *Uma introdução ao pensamento histórico*. Lisboa: Ed. Gradiva, 1989. p. 17.

¹²³ Marcelo Gantus JASMIN. “Política e historiografia no Renascimento italiano: o caso de Maquiavel”. In: Berenice CAVALCANTE (org.). *Modernas tradições: percursos da cultura ocidental nos séculos XV-XVIII*. Rio de Janeiro: Access, 2002. pp. 187-188.

¹²⁴ B. A. HADDOCK. op. cit. pp. 19-20.

elementos: a história guarda a sabedoria de como se deve atuar no mundo porque a natureza humana seria imutável. Assim, causas semelhantes produzem consequências semelhantes. Entretanto, para que se tire proveito do exemplo de ações realizadas em temporalidades diferentes, é preciso que a narrativa histórica seja menos dependente da retórica e mais precisa na descrição dos fatos. A necessidade desta precisão não resultará no aperfeiçoamento de uma análise das fontes por Maquiavel, e sim na proposta da utilização de situações contemporâneas como elemento de crítica ao relato. Isto é possível porque a natureza humana, por ser constante, é considerada um fator de comparação dentro dos exemplos disponíveis na história. Aqui, a descrição factual baseada no testemunho direto passa a ser bastante valorizado¹²⁵.

Do mesmo modo que Maquiavel critica a história mestra da vida pelo excesso retórico, Francesco Guicciardini, também focado na política, percebe a ineficiência do modelo tradicional de escrita da história assim como seu contemporâneo. A invasão francesa que eliminou a liberdade de algumas cidades italianas do norte, em um contexto onde aparentemente a querela não estava ligada à península, faz com que ele perceba a ausência do jogo político completamente restrito à atuação do governante local. O destino incontrolável do homem está ligado a um conjunto complexo de fatores, muitas vezes indireto, em uma inter-relação de poderes que não poderia ser esgotada por um ambiente limitado. Guicciardini escreveu uma História da Itália e propõe a substituição da busca no passado de um fato análogo ao que ocorria no presente, pela procura das causas em seu próprio tempo. A ampliação das variáveis do discurso histórico que se seguia a esta nova análise resulta em uma busca de informações diversificada e em uma maior abrangência dos objetos históricos. Entretanto, a questão da exemplaridade da história permanece ainda que modificada. Os fatos do passado não são modelos de como agir, mas auxiliam na preparação do homem às mudanças que estariam por vir. É importante ressaltar que a possibilidade de atuação não é totalmente eliminada, mas limitada, e a história faz com que haja uma compreensão desses limites¹²⁶. Portanto, a lógica da história mestra da vida continua porque exprime o mesmo princípio de exemplaridade ideal dos antigos.

¹²⁵ Marcelo Gantus JASMIN. op. cit. pp. 194-197.

¹²⁶ Idem. Ibidem. pp. 198-200.

Ao longo do século XVI manuais de história abordavam o pragmatismo das narrativas diretamente ligado à precisão factual. A partir desta nova abordagem, a inclusão de discursos fictícios com o propósito de tornar o exemplo das obras históricas mais inteligível passou a ser imprópria¹²⁷. Ao mesmo tempo, a valorização do testemunho direto intensificou a escrita de memórias sobre eventos políticos passados. No caso específico das revoltas ocorridas nos Países Baixos durante a dominação espanhola, houve algumas contribuições de relatos contemporâneos além daquele escrito por Martin Del Rio. Philippe Warny escreveu *Mémoires sur le siège de Tournay 1581* sobre o cerco feito pelo exército do príncipe de Parma à cidade de Tournai no ano de 1581. Apóia o governo espanhol contra a profusão dos odiosos *heréticos*¹²⁸. Roger Williams era um soldado inglês que lutou ao lado dos calvinistas nos Países Baixos e registrou suas memórias no *The Actions of the Low Countries*, em uma abordagem mais focada no elemento militar¹²⁹. François de Halewyn, senhor de Sweveghem, é o autor de *Mémoires sur les troubles de Gand 1577-1579*, em que relata seu desejo de mostrar para a posteridade a “malícia, finesse e desígnos execráveis” de Guilherme de Orange¹³⁰. Jacob van Wesenbeke era partidário de Orange e escreveu *La description de l'estat succès et occurences, advenues au Pais-bas, au faict de la Religion*¹³¹. Alguns autores espanhóis também deixaram suas impressões sobre as revoltas neerlandesas derivadas da vivência pessoal: Alonso de Ulloa escreveu os *Comentarios del s. Alonso de Ulloa de la guerra, que el ilustriss. Y valerosiss. principe Don. Hernando Álvarez de Toledo duque de Alva [...] há hecho contra Guillermo de Nasau principe de Oranges*; Pedro Cornejo foi o autor da bastante difundida *Historia de las civiles guerras y rebelión de Flandes*; Bernardino de Mendoza escreveu *Comentarios de lo sucedido en las guerras de los Países-Bajos desde el año de 1567 hasta el de 1577*; e Antonio

¹²⁷ B. A. HADDOCK. op. cit. pp. 32-33..

¹²⁸ Philippe WARNY. *Mémoires sur le siège de Tournay 1581*. Bruxelas: Société de l'histoire de Belgique, 1860.

¹²⁹ Em <http://www.homepages.ucl.ac.uk/~ucrabjk/Hist%203133/Sources%20in%20English.htm> acessado em 25/01/2011.

¹³⁰ François de HALEWYN. *Mémoires sur les troubles de Gand 1577-1579*. O manuscrito original tem como título *Récit circonstancié de tout ce qui est arrivée à Gand pendant les troubles sous Philippe II, depuis l'an 1577 jusqu'en septembre 1579*.

¹³¹ Jacob van WESENBEKE. *Mémoires de Jacques de Wesenbeke*. Bruxelas: Ed. C. Rahlenbeck, 1859.

Trillo narrou uma *Historia de la rebelión y guerras de Flandes*¹³². O termo *Comentarios* utilizado por Del Rio e outros autores, no título de suas obras em língua espanhola, remete aos comentários pessoais que Júlio César deixou sobre as campanhas que culminaram na conquista da Gália¹³³. Sabe-se que nesta época houve uma expansão na leitura desses escritos dentro do território espanhol, e que serviram como base estrutural para a escrita da história¹³⁴. De maneira correspondente, a tradução da obra de Del Rio para o francês utiliza o termo *Mémoires*¹³⁵, assim como outros trabalhos que se relacionam ao tema e que foram fruto do testemunho ocular. Yolanda Pérez traça um padrão estrutural da narrativa espanhola que se assemelha aos escritos de Del Rio. A divisão em livros, a ordenação cronológica dos eventos e a existência de uma introdução que descreve os Países Baixos em elementos gerais são recorrentes. A utilização de documentos oficiais também é expressiva, sendo direcionada para o reforço da argumentação do autor¹³⁶. Contudo, existe um fator significativo na narrativa de Martin Del Rio que não está presente nas outras obras citadas: a utilização de um pseudônimo.

2.2. De Rolando de Roncesvales a Rolando Natin Miriteo

Rolando Natin Miriteo foi a escolha do autor para assinar os seus *Comentarios*. Tal nome consiste em um anagrama de Martino Antoni Del Rio, e possibilita um amplo espaço para interpretações. Rolando era sobrinho de Carlos Magno e um dos comandantes de seu exército, foi tema de um poema épico francês identificado como a mais antiga das *chansons de geste*. A Canção de Rolando foi escrita por volta de 1100 na versão que conhecemos atualmente. O argumento-base do texto é a batalha de Roncesvales, ocorrida em 778 entre o exército de Carlos Magno e habitantes bascos da região. Na versão adotada pela Canção, os bascos tornaram-se sarracenos e a batalha, um símbolo da luta incessante entre

¹³² Yolanda Rodríguez PÉREZ. *The Dutch Revolt through Spanish eyes: self and other in historical and literary texts of Golden Age Spain 1548-1673*. Oxford: Peter Lang, 2008. pp. 55.

¹³³ Idem. *Ibidem*. P. 56.

¹³⁴ José Manuel Prieto BERNABÉ. *op. cit.* p. 19.

¹³⁵ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Mémoires sur les troubles des Pays-Bas depuis l'arrive de Don Juan d'Autriche*. Bruxelas: Société de l'histoire de Belgique, 1869.

¹³⁶ Yolanda Rodríguez PÉREZ. *op. cit.* P. 57.

cristãos e muçulmanos¹³⁷. O rei franco recebe a notícia de que o chefe dos sarracenos, rei de Zaragoza, se oferece como seu vassalo e se converte ao cristianismo sob a condição de que o cerco ao seu povo fosse suspenso. Rolando alerta Carlos Magno sobre a proposta traiçoeira, mas o rei decide aceitar e manda um emissário para firmar o acordo. Este representante, invejoso de Rolando, convence o rei de Zaragoza a atacar a retaguarda do exército de Carlos Magno, justo aquele comandado pelo sobrinho do rei. No momento da luta, Carlos Magno está longe demais para perceber o que ocorre com o resto de seus homens. Rolando reluta em pedir reforços até o último momento mesmo em imensa desvantagem. Ele luta bravamente com sua espada Durendal e consegue afastar os inimigos usando uma coragem nunca antes vista. Contudo, a superioridade numérica dos sarracenos representa um elemento poderoso de contra-ataque. Rolando luta tão arduamente que continua na batalha com vigor mesmo tendo perdido a visão. Sua disposição na luta é tanta que se diferencia dos outros companheiros, já devastados pelas feridas e pelo cansaço. Aos poucos Rolando perde as forças e resolve pedir reforços a Carlos Magno. Ele morre nobremente, não sem antes pedir perdão a Deus por seus pecados. Anjos descem do céu para levá-lo consigo. Carlos Magno chega tarde demais para salvar os cristãos, mas derrota os sarracenos. Poucos momentos antes de morrer, Rolando esconde sua famosa e poderosa espada, que contém inúmeras relíquias de santos. É importante observar que o desenrolar da Canção de Rolando aponta para a luta heróica de um cristão que tem como característica a virtude guerreira, mas também o orgulho que o condenou e a seus pares. Ele valoriza a busca da honra e da glória em detrimento do objetivo cristão e da proteção de seus homens. Também não quer que o identifiquem como um covarde. A honra ligada à coragem será uma das características cavaleirescas que perpetuará ao longo do tempo¹³⁸. Entretanto, segundo Jacques Le Goff, o legado desta história no imaginário europeu não foi propriamente a batalha, mas o modelo de cavaleiro cristão que Rolando se tornou¹³⁹. Rolando é um cavaleiro corajoso, um vassalo fiel e um santo mártir¹⁴⁰.

¹³⁷ <http://www.fordham.edu/halsall/basis/roland-ohag.html> acessado em 10/03/2010.

¹³⁸ Jean FLORI. *La Chevalerie*. França: Ed. Gisserot, 2004.

¹³⁹ Jacques LE GOFF. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. pp. 259-260.

¹⁴⁰ Jean FLORI. op. cit. p. 103.

Martin Del Rio identificava-se com a história sobre a luta entre cristãos e infiéis, em meio a uma guerra extremamente violenta pela “verdadeira fé”. Seu texto poderia descrever os feitos heróicos de D. João e seus paladinos na turbulenta região dos Países Baixos. Elementos de cavaleiro ele já possuía.



Em: <http://www.louvre.fr>

A pintura que retrata a família Del Rio foi feita por Adriaen Thomasz Key entre 1565 e 1570 como uma encomenda para a igreja de Aartselaar, mas depois passou para o convento de Burgos. Originalmente um tríptico, a parte do meio que representava o Pentecostes está perdida. À esquerda estão Martin Del Rio, seu irmão Geronimo e o patriarca Antonio Del Rio. Uma restauração realizada entre 1977 e 1979 recuperou a cena religiosa ao fundo, representando a Ressurreição de

Cristo, que estava escondida sob tinta negra. À direita está retratada Dona Leonor López de Villanueva, mãe de Martin Del Rio. A mesma restauração recuperou a cena da Ascensão de Cristo, que estava escondida atrás de uma paisagem¹⁴¹. O pintor Adriaen Key fez diversos trabalhos para igrejas da Antuérpia, e era conhecido por retratar personagens proeminentes da sociedade neerlandesa¹⁴². Abaixo, uma das partes do tríptico antes da restauração.



<http://www.culture.gouv.fr>

Pode-se observar na imagem dois brasões, ao lado esquerdo o brasão da família Del Rio e, ao lado direito, o brasão da família Lopez – origem de Leonor, mãe de Martin. Era comum na Espanha as mulheres portarem brasões em forma de losango e, quando casadas, usavam as armas anexadas ao de seu marido. Esta junção se dava pelo lado esquerdo¹⁴³, concordando com a disposição de cada membro da família na pintura. A cor vermelha está presente nos dois brasões e representa o dever de socorrer os oprimidos injustamente¹⁴⁴. Os Del Rio carregam simbolicamente uma torre cercada de água, que nos remete aos primórdios do castelo de Cleydael.

¹⁴¹ Em: <http://www.louvre.fr> acessado em 14/02/2010.

¹⁴² Em: <http://www.rijksmuseum.nl/> acessado em 14/02/2010.

¹⁴³ Julio de ATIENZA. op. cit. p. 6.

¹⁴⁴ Idem. Ibidem. p. 10.

A origem dos brasões de família do século XVI está no emprego de signos pelos cavaleiros medievais com o objetivo de marcarem uma diferenciação com relação aos outros homens, durante a guerra ou não. Este sinal de distinção permanece, entretanto já não significava um fator de reunião dos vassallos em torno de seu senhor. Antes pessoais, os brasões passam a ser concedidos como uma honra para as famílias que os recebem¹⁴⁵. As figuras retratadas nos brasões são chamadas de divisa e constituem uma “microdescrição” em forma de conceito expresso em imagens e palavras. A alegoria das divisas resulta de um conjunto orgânico formado pelas imagens expressas por cada um dos elementos presentes, resultando em uma imagem a partir dos signos fornecidos pela escrita e pela figura. Com isso, pode-se afirmar que a divisa é o resultado da união entre a imagem produzida a partir do significado gerado pelas palavras e as palavras produzidas a partir do significado gerado pela figura. O elemento escrito das divisas é expresso preferencialmente em latim ou grego¹⁴⁶. Geralmente é posto acima do escudo de armas, e pode se referir a um evento notável de algum ancestral; a uma qualidade ligada à dignidade ou supremacia da família; ou mesmo ao seu próprio nome. D. João de Áustria tinha como divisa a expressão AUDACES JUVAT, posta junto com uma figura representativa da fortuna¹⁴⁷. O elemento escrito significa “agrada aos audazes” mas, em seu conjunto, denota que a fortuna favorece os audazes. A família Del Rio adotou como divisa a expressão CONCUSSA MANET¹⁴⁸, ou seja, “o abalado permanece”. Se analisada simultaneamente com a figura da torre cercada de água, a interpretação ganha um novo sentido. A casa da família Del Rio, ou mesmo a própria família, ainda que sofra reverses não será derrotada. Outra divisa é dada como proveniente dos Del Rio. UT AQUA DELABIMUR¹⁴⁹ significa “de modo que a água caia” ou “de modo que a água passe”, e pode estar relacionada com a presença deste elemento na figura. Contudo, na pesquisa realizada foi encontrada somente a primeira alternativa.

¹⁴⁵ Alph. O’KELLY DE GALWAY. *Dictionnaire des cris d’armes et devises des personages célèbres et des familles nobles et autres de la Belgique Ancienne et moderne (Belgique – Pays-Bas – Nord de la France et principauté de Liège)*. Bruxelles: Éditeur Auguste Schnée, 1865. pp. 5-8.

¹⁴⁶ João Adolfo HANSEN. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986. pp. 88-89 e 94.

¹⁴⁷ Alph. O’KELLY DE GALWAY. op. cit. pp. 9-10.

¹⁴⁸ Idem. Ibidem. 61-62.

¹⁴⁹ Idem. Ibidem.

Os séculos XV e XVI consistiram em um tempo de valorização cavaleiresca que, por sua vez, estava imbuída de fatores e significados diferentes dos construídos ao longo da Idade Média. O fulgor adquirido pelo cavaleiro, um guerreiro de elite, fez com que a nobreza cooptasse para si o seu controle e pertencimento. Em meados do século XII a cavalaria já é considerada a expressão militar da nobreza e, com isso, ganha status de título nobiliário¹⁵⁰. Já no final da época medieval a Cavalaria se resumirá a um título honorífico, levando mais tarde à constituição de todo um ideal cavaleiresco baseado no passado.

A nobreza constituía uma ordem na sociedade agrária medieval. Chamados *bellatores*, a função desses guerreiros era a defesa dos homens contra seus inimigos terrenos. Neste grupo havia o senhor, que protegia o vassalo – incluindo a concessão do feudo, e em troca recebia fidelidade e a cobrança de taxas. Já os *oratores* tinham como função a defesa dos homens contra inimigos celestes, sendo os clérigos, principalmente monges, os elementos de ligação com o mundo divino. Por último, os *laboratores* eram os camponeses que se dedicavam ao trabalho para o sustento das outras duas ordens. Cada ordem se mantinha através das condições de serem vitalícias e hereditárias, exprimindo uma determinação divina de imobilidade social¹⁵¹. Os cavaleiros eram os *bellatores*, e a sua função de defesa permanecerá, mesmo com as variações ocorridas no significado que apreende ao longo do tempo.

O papel da Igreja na construção do conceito de Cavalaria é significativo. Diante do enfraquecimento dos poderes de reis e príncipes, e da conseqüente onda de violência que atinge a todos, ela seleciona cavaleiros para protegerem seus membros e suas riquezas. Assim os cavaleiros adquirem mais objetivos além daquele, como a defesa dos fracos e desarmados e de toda a Cristandade contra os infiéis¹⁵². São apresentados a um código de conduta, contudo esta influência se revela uma via de mão dupla, pois de um lado dará origem à Cavalaria e, de outro,

¹⁵⁰ Jean FLORI. . “Cavalaria”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol1. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 185.

¹⁵¹ Hilário FRANCO JÚNIOR. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval*. São Paulo, Hucitec, 1990. pp. 22 e 29.

¹⁵² Jean Flori. op. cit. p. 186.

às Ordens Religiosas Militares¹⁵³. Após a Reconquista na Península Ibérica, o prestígio do cavaleiro ganha força e avança como tema na elaboração de textos literários. Um exemplo é a disseminação da Canção de Rolando. O heróis cavaleiros passam a ser o reflexo do ideal. É valorizada uma ética cavaleiresca expressa pela fidelidade, companheirismo, coragem e moral a serviço da Cristandade. Entretanto, ao lado dessas qualidades, características profanas também tinham lugar nesta imagem. A busca incansável pela glória, o exagero na busca pela façanha, a vingança, a exaltação demasiada do amor e a prática de costumes cortesões opõem-se à moral pregada pela Igreja. Segundo Jean Flori, o cavaleiro “canta o amor sensual, o apelo aos favores da dama casada, a procura do luxo e da moda, o brilho dos tecidos, das riquezas e das cores, a bravura guerreira desinteressada, o porte imponente, a altivez, mesmo a arrogância aristocráticas”¹⁵⁴. Torna-se um mito que tem seu lugar até os dias de hoje, mas que no século XVI já havia perdido grande parte de sua força e admiração.

2.3. Leitura e narrativa: a questão do ficcional

No contexto europeu das guerras de religião, poderíamos deduzir que a imagem do cavaleiro como um guerreiro a serviço da Igreja fosse resgatada, com todo o prestígio que havia arrefecido mais de um século antes. Contudo, constata-se a disseminação de relatos de cavalaria que se baseavam nas suas qualidades profanas e, mais grave ainda, compostos como obras ficcionais. A crítica à ficção era generalizada entre os eruditos, que condenavam este tipo de narrativa por representar um desprezo pela verdade e pelas virtudes morais e religiosas. Alegavam que a parte da sociedade menos esclarecida, e os mais jovens, não teriam condições de distinguir os textos moralizantes edificantes dos que eram produto da imaginação dos homens, e totalmente voltados para questões mundanas desvirtuáveis. Desta maneira, o comportamento ideal para um homem da sociedade da época poderia ser visto como uma banalidade se interpretado erroneamente no conjunto de obras ficcionais. Outra consequência provável da

¹⁵³Hilário FRANCO JÚNIOR. op. cit. p. 19.

¹⁵⁴Jean FLORI. op. cit. p. 197.

grande distribuição dessas narrativas estava relacionada à causa provável de dissensões. Suscitam pensamentos diferentes ou contrários aos praticados pela camada social dominante, sendo inapropriados para a manutenção da ordem vigente. Esta preocupação indica o reconhecimento da força dos livros sobre uma sociedade, mesmo contando com um número significativo de analfabetos. Os que não lêem são os ouvintes dos textos fictícios disseminados¹⁵⁵. A reprovação da ficção concorda com a valorização do status de verdade dos fatos presentes nos escritos históricos, focados na exemplaridade. A imaginação aplicada ao texto não teria função, já que a leitura era considerada como uma prática inerente à educação. As leituras estimuladas eram aquelas cuja aplicabilidade revelava fins superiores e tinham como conteúdo matérias de história, teologia, lógica, direito, e textos de crônicas, livros didáticos e reza¹⁵⁶. Para os mais ortodoxos não seria possível ligar a prática de leitura ao divertimento. Porém, eruditos não desprezavam os livros ficcionais no ambiente privado, mantendo em sua biblioteca alguns exemplares condenados.

Apesar da censura à ficção, sua materialização com relação aos livros de cavalaria ocorreu na Espanha somente em 1555, quando procuradores de Valladolid propuseram ao rei a proibição da impressão, leitura e venda dessas obras tão prejudiciais. Apesar desta medida, a censura veemente não estava de acordo com a efetividade do controle da impressão, confisco e da decorrente punição. Esta, por sua vez, não era rígida e a perda que o impressor, livreiro ou leitor poderiam acarretar era pequena. Assim, o comércio de livros que narravam as aventuras de cavaleiros imaginários continuava a se desenvolver de maneira lucrativa¹⁵⁷.

O contraponto aos livros condenados se encontrava em obras correspondentes de cunho didático. Os exemplos contidos nas hagiografias, narrativas morais e na épica são considerados remédios para curar a sociedade dos resultados desastrosos

¹⁵⁵ Carlos Alberto González SÁNCHEZ. “Cercos a la imaginación: lectura y censura ideológica en la España del siglo XVI”. In: Antonio Castillo GÓMEZ (org). *Libro y Lectura en la Península Ibérica y América. Siglos XIII a XVIII*. Salamanca: Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo, 2003. p. 83.

¹⁵⁶ Antonio Castillo GÓMEZ. “El donoso y grande escrutinio: La lectura áurea entre la norma y la transgresión”. In: Antonio Castillo GÓMEZ (org). *Libro y Lectura en la Península Ibérica y América. Siglos XIII a XVIII*. Salamanca: Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo, 2003. p. 115.

¹⁵⁷ Carlos Alberto González SÁNCHEZ. op. cit. pp. 84-86.

da literatura cavaleiresca ficcional. Por isso a épica chamada culta, que se atém a fatos históricos, fornece modelos ideais para o homem cristão e é aceita publicamente pelos eruditos. Isto não quer dizer que o sucesso da narrativa épica, tal como descrita, tenha alcançado tamanha notoriedade como a sua correspondente entre os menos instruídos¹⁵⁸. A ficção das novelas ou romances de cavalaria começou a se tornar popular no final da Idade Média, e essas obras foram muito disseminadas no século XVI. É interessante observar que alguns textos pertencentes à literatura cavaleiresca espanhola, e que se aproximam do modelo épico, tenham como principal inspiração os eventos carolíngios da França medieval. Há exemplos nas obras de Nicolás de Espinosa e de Garrido de Villena, que utilizaram um personagem fictício, Bernardo de Carpio, como o assassino de Rolando na narrativa da batalha de Roncesvalles. Rolando é o herói cujo nome fora escolhido por Del Rio na assinatura de sua obra. O refino poético também é exercido na descrição de outra batalha, a de Lepanto, cujo protagonista é D. João de Áustria. Juan Rufo escreveu *La Austríada*, que consiste nos feitos de D. João durante a guerra no mediterrâneo¹⁵⁹.

A falta de rigor do governo espanhol na punição da disseminação da literatura fictícia não impediu que houvesse uma grande censura de livros durante o século XVI. Esta vigilância englobava tanto a tipografia quanto o que já estava disponível nas mãos de livreiros. A difusão de textos em larga escala possibilitada pela nova forma moderna de impressão de livros fez com que surgisse uma ferramenta política e religiosa poderosa. A propaganda feita através da circulação de textos em livros ou panfletos permitia a divulgação de saberes para mais pessoas e de maneira muito mais rápida e barata. Ao mesmo tempo, forçava um maior afinco no controle do que era publicado porque as facilidades adquiridas com a imprensa também eram desfrutadas pelos que defendiam posições diversas do poder estabelecido. Esta disputa ficou mais acirrada após a Reforma¹⁶⁰. Textos considerados heréticos e supersticiosos eram destruídos, tanto de um lado quanto do outro. Católicos e protestantes utilizaram as funções e benefícios da impressão de livros para efeitos de propaganda e solidificação de sua crença, mas também

¹⁵⁸ Idem. Ibidem. pp. 102-105.

¹⁵⁹ Gregory B. KAPLAN (ed). "Sixteenth-Century Spanish Writers". In: DICTIONARY of Literary Biography. Detroit: Thompson Gale, 2006. vol. 318, pp. 291-293.

¹⁶⁰ Carlos Alberto Gonzáles SÁNCHEZ. op. cit. p. 82.

praticaram uma censura rígida e abrangente. Para os católicos a heresia se tornava muito mais perigosa, e os artífices do diabo eram potencializados pela inovação. A imprensa não era invenção do mal, mas se aproveitava de seus benefícios para prosseguir na luta da destruição da Cristandade. Por isso a vigilância teve que se aperfeiçoar e se tornar mais austera com relação à propagação de novas idéias. Como resultado deste novo contexto de batalha religiosa que surgia, em 1554 o rei espanhol decretou a obrigatoriedade da passagem de todos os textos por um Conselho, para que fossem aprovados antes de serem publicados¹⁶¹. Após a publicação, o controle dos livros já postos em circulação era da alçada da Inquisição¹⁶².

Os *Comentarios* de Martin Del Rio necessitaram desta licença de impressão para serem publicados. Em quatro de setembro do ano de 1600 o manuscrito passou pela censura de Antonio de Herrera. Ele afirma que:

... não foi visto até o momento coisa melhor escrita nesta matéria: e que me parece que sendo Vossa Alteza dele servido, poderá lhe dar a licença e o privilégio que pede, para imprimir esta história, que a todo mundo parece ser bom¹⁶³.

A aprovação de Antonio de Herrera e a conseqüente recomendação para que o texto seja impresso mostram pontos já discutidos anteriormente neste capítulo. O censor chama a obra de Del Rio de história, o que pressupõe todas as características que lhe são inerentes no final do século XVI e início do XVII. Existe uma preocupação com a eliminação de elementos fictícios em prol da aproximação com a verdade, na intenção de mostrar o modelo de virtude do personagem verídico em todas as suas facetas. Afinal, consiste em um exemplo para a posteridade. A exemplaridade histórica é reforçada quando Herrera sugere que o a obra é útil a todos, pois *a todo mundo parece ser bom*. O censor admite que a impressão pode ser vantajosa de um modo geral, mas o autor escreveu para uma parcela específica da sociedade. A língua original que Martin Del Rio

¹⁶¹ Idem. Ibidem. p. 95.

¹⁶² Idem. ibidem. p. 96.

¹⁶³ "...no he visto hasta ahora cosa mejor escrita en esta materia: y que me parece que siendo V. Alteza dello servido, le podra dar la licencia y privilegio que pide, para imprimir esta historia, que a todo el mundo parecera bien". Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. s. p.

utilizou no manuscrito é o latim, como nos foi informado pelo tradutor Marzilla. É aqui que aparece uma diferença de intenções entre o autor e o tradutor. Já foi assinalado anteriormente que Rodrigo de Medina y Marzilla realizou a tradução para que os ignorantes na língua clássica pudessem ter acesso ao conteúdo do manuscrito. Ele próprio não era muito versado no latim, provavelmente realizou este trabalho pela importância e qualidade do exemplo que as ações de D. João de Áustria transmitem aos homens menos instruídos. Martin Del Rio, por sua vez, escreveu os *Comentarios* para exaltar as virtudes de D. João e toda a sua perícia no comando das ações do governo espanhol nos Países Baixos, direcionado ao sucessor direto do governador-geral e posteriores governantes. Os desafios, as negociações, as grandes vitórias e poucas derrotas mostram as escolhas feitas em cada situação e as suas conseqüências diretas. O autor mostra que em cada uma delas D. João nos brinda com a sua altivez, inteligência e espírito temente a Deus, que infelizmente o levou antes de completar o seu trabalho de reforço do poderio espanhol e católico em terras neerlandesas.

O texto foi aprovado pelo rei no dia treze de setembro do ano de 1600. Quem nos informa é D. Luiz de Salazar, que adiciona novas informações sobre o processo de impressão da obra. No início dos comentários que deixou, relata a chegada do livro em suas mãos, já traduzido por Marzilla, através de Geronimo Lopez. Este lhe pediu licença para a impressão e privilégio por ela durante vinte anos. O Conselho responsável pela censura de livros examinou o pedido, fizeram-se as diligências e ficou acordado que a licença seria aprovada por dez anos, metade do tempo postulado pelo requerente. Se a ordem for descumprida, ou seja, se outras pessoas o imprimirem, venderem, ou o mandarem imprimir e vender, perderão todas as cópias junto com o molde e aparelhos utilizados para tal fim. Também pagarão uma determinada quantia toda vez que incorrer no mesmo delito, sendo um terço do montante destinado à quem fez a acusação, um terço para a Câmara e o terço final para o juiz que determinar a sentença final. A rigidez no controle da impressão de livros ainda se mostra no fato de que, durante os dez anos de licença, todas as vezes que o texto for impresso ele deverá ser levado ao Conselho acompanhado da versão original aprovada anteriormente, para que se verifique a ocorrência de alguma mudança. Um corretor do próprio Conselho examina a obra

e, se necessário, inclui as erratas apontadas. O preço do livro também é decidido pelos seus membros.

Ao serem aprovados pelo Conselho e finalmente impressos, os livros eram encadernados. Bibliófilos encomendavam capas singulares para as suas coleções como uma maneira de fácil localização. Filipe II teve alguns livros encadernados e adornados com o seu brasão, o que foi rapidamente imitado pelos nobres. Este tipo de cuidado indicava a dignidade e nobreza do dono, assim como a importância da obra para ele. Posteriormente bibliófilos começam a marcar suas propriedades de maneira mais simples. Poderia conter sua divisa acompanhada pelo nome ou rubrica, somente o nome ou assinatura em latim¹⁶⁴. Foi localizado um livro impresso em velino – um papel consistente e semelhante ao pergaminho – que foi encadernado com ornamentos dourados nas bordas e o brasão da família Del Rio como elemento central. A divisa IN CONCUSSA MANET é legível ao redor dos elementos torre e a água.

¹⁶⁴José Luis Gonzalo SÁNCHEZ-MOLERO. “Lectura y bibliofilia cortesanas em la España del Quinientos”. In: Antonio Castillo GÓMEZ (org). *Libro y Lectura en la Península Ibérica y América. Siglos XIII a XVIII*. Salamanca: Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo, 2003. pp. 156-158.



<http://www.forumrarebooks.com/spanish/p1.html>

Trata-se de duas obras sobre assuntos militares que foram impressas em Bruxelas e encadernadas conjuntamente. A primeira, *Tratado de re militari, hecho a manera de dialogo, que passo entre los illustrissimos señores Don Gonçalo Fernandez de Cordova llamado Gran Capitan, duque de Sessa, &c. y Don Pedro Manrique de Lara, duque de Najara: en el qual se contienen muchos exemplos de grandes principes, y señores: y excellentes avisos, y figuras de guerra muy provechoso para cavalleros, capitanes, y soldados*, impressa em 1590. Foi escrita por Diego de Salazar e abrange táticas militares, como posições estratégicas, fortificações e artilharia. Algumas são mostradas por meio de figuras de guerra. É endereçado a cavaleiros, capitães e soldados. O autor afirma no prólogo que neste tratado buscou imitar “muitos autores antigos e modernos, seguindo mais do que os outros o parecer de Maquiavel”¹⁶⁵. Ele se refere ao texto do autor italiano escrito em diálogos, *Arte della Guerra*. A segunda obra do livro, *El discurso sobre la forma de reduzir la disciplina militar, a meyor y antiguo estado*, foi escrita por

¹⁶⁵ Diego de SALAZAR. *Tratado de re militari, hecho a manera de dialogo, que passo entre los illustrissimos señores Don Gonçalo Fernandez de Cordova llamado Gran Capitan, duque de Sessa, &c. y Don Pedro Manrique de Lara, duque de Najara: en el qual se contienen muchos exemplos de grandes principes, y señores: y excellentes avisos, y figuras de guerra muy provechoso para cavalleros, capitanes, y soldados*. Bruxelas: Roger Velpius, 1590. s. p.

D. Sancho Londoño e impressa um ano antes do tratado anterior. Como mestre de campo, ou seja, um dos comandantes dos terços, dedicou seu trabalho ao duque de Alba¹⁶⁶.

Não se sabe a quem o livro pertenceu. O brasão indica que foi encadernado por um membro da família Del Rio, e o texto, depois de 1589. Um ano após a derrota da “Invencível Armada” espanhola na guerra contra a Inglaterra. As obras militares desta época reforçam uma relação entre nobreza e milícia – apesar do grande número de mercenários no contingente¹⁶⁷. A valorização do ideal guerreiro e do discurso militar também está ligada a um movimento de centralização monárquica pelo qual a Europa passa no século XVI. A narrativa sobre vitórias militares, que já existia séculos antes, tem como objetivo resgatar as origens, virtudes e destreza de reis e príncipes cada vez mais ocupados com o governo e longe das batalhas. Um instrumento utilizado para que houvesse a aproximação da imagem do príncipe à do herói é a construção de uma relação simbólica com personagens ilustres da história, que deixaram como rastros grandes feitos¹⁶⁸. No contexto das guerras de religião, Rolando é um dos personagens mais conhecidos e, por isso, constantemente lembrado pela luta contra os infiéis. O passado autentica a fidelidade e a obediência que os súditos devem oferecer ao seu senhor, e as imagens construídas fornecem a sua majestade. No caminho da mitificação dos príncipes, houve uma profusão de textos épicos ligados ao contexto medieval. Na Espanha, destacam-se a *Crônica del Sancto Rey don Fernando Tercero* de 1526; a *Crónica del serenísimo Rey Donjuán el Segundo* de 1517; a *Crónica del ínclito emperador de España Don Alonso Vil* de 1600; a *Chronica del muy esclarecido Príncipe e Rey don Alfonso el onzeno* de 1551; a *Crónica del Rey don Rodrigo con la destruyción de España y cómo los moros la ganaron* de 1527; e a *Crónica del rey don Pedro* de 1526¹⁶⁹.

¹⁶⁶ <http://www.forumrarebooks.com/Salazar-Diego-Tratado-de-re-militari-hecho-manera.html>
Acessado em 26/01/2011.

¹⁶⁷ Rui BEBIANO. *A Pena de Marte: escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XV-XVIII)*.
Coimbra: Edições MinervaCoimbra, 2000. p. 279.

¹⁶⁸ Idem. *ibidem*. pp. 20-21.

¹⁶⁹ José Manuel Prieto BERNABÉ. *op. cit.* p. 25.

Apesar da disseminação da épica de tema medieval, a valorização da história dos acontecimentos recentes – que permitiam uma maior precisão factual, seguia presente na vida dos indivíduos de meados do século XVII. Muitos escritos relativos às revoltas ocorridas nos Países Baixos foram encontrados nas bibliotecas desses homens. Diego Altamirano possuía os *Comentarios* de Martin Del Rio; outros guardavam *Los sucesos de Flandes y Francia, del tiempo de Alexandro Farnese*, de Alonso Vázquez; *Délie guerre di Fiandra*, de Pompeo Giustiniano; e o *Sumario de la guerras civiles y causas de la rebelión de Flandes*, de Pedro Cornejo. Uma tradução para o castelhano da obra de Pierre Mathieu, *Historia de las guerras de Flandes*, encontrava-se à venda por um preço irrisório. O mesmo ocorreu com livros referentes à vida e aos feitos de D. João de Áustria, como o *Donjuán de Austria: historia* de Lorenzo van der Hammen, editado em Madri no ano de 1627. O principal público desses relatos eram os homens mais abastados, como podemos ver no exemplo dos comentários sobre as guerras ocorridas nos Países Baixos, escrita por Bernardino de Mendoza. Sessenta por cento das bibliotecas analisadas por José Manuel Bernabé, que apresentavam uma edição da obra, pertenciam a homens nobres¹⁷⁰.

2.4. Um anagrama

O nome escolhido por Martin Del Rio como assinatura de sua obra é um elemento crucial que permite uma análise mais completa de seu texto e de seu tempo. O anonimato atrás das palavras que compõem o anagrama, em meio às turbulências constantes que enfrentava em sua terra natal, poderia constituir um porto seguro para a sua vida ameaçada pelos calvinistas. A impressão do livro ocorrida pelas mãos de outros, e mais de vinte anos após a morte de D. João de Áustria, também chama a atenção para um certo distanciamento do fato narrado. Contudo, podemos estabelecer algumas vias explicativas que contemplem de maneira mais completa os motivos pelos quais o nome Martin Del Rio transformou-se em Rolando Natin Miriteo.

¹⁷⁰ Idem. Ibidem. pp. 40 e 45-46.

No início do primeiro capítulo do livro *Futuro Passado*¹⁷¹, Reinhart Koselleck descreve um quadro encomendado em 1528 pelo duque Guilherme IV da Baviera. O tema central era histórico e retratava a Batalha de Issus, travada entre Alexandre, o Grande, e os persas em 333 a. C. O pintor Albrecht Altdorfer captura na imagem que exhibe todo o decorrer da dita batalha, desde o início até o final, em um só momento. Também recorreu a números precisos de toda a estrutura militar e dos resultados finais de mortos e prisioneiros. Além disso, inseriu elementos de batalhas contemporâneas para exprimir uma simultaneidade de fatos históricos, como o cavaleiro Maximiliano. A história como imagem e como narrativa estava expressa no quadro, ao mesmo tempo em que havia um “horizonte histórico comum” entre passado e presente¹⁷². Continuando no século XVI, analisemos os *Comentarios* de Martin Del Rio. Podemos afirmar que há uma ação semelhante na sua decisão em escolher o nome de um cavaleiro medieval como autor de uma história sobre atribuições nos Países Baixos do Quinhentos. Del Rio se utiliza da mesma concepção de história de Altdorfer, principalmente no que diz respeito à adoção da visão histórica que é ao mesmo tempo narrativa e imagética. O primeiro incluiu o fator imagem à sua narrativa, e o segundo incluiu as letras na representação pictórica. A possibilidade de fazê-lo através da escolha de homens e fatos de diferentes temporalidades está na idéia de história como mestra da vida. Seja em papel, seja na tela, a história tem uma função pedagógica importante aos homens, pois acredita-se que as mesmas causas produzem as mesmas conseqüências. Maximiliano deve aprender com as ações heróicas de Alexandre, assim como D. João de Áustria aprendeu com Rolando. E como saber se D. João conseguiu tirar o máximo proveito dos ensinamentos da história? Suas virtudes são a comprovação para a questão. Martin Del Rio tratou de explicitá-las para que os homens possam se servir deste exemplo, para ele, tão glorioso.

No que diz respeito à veracidade histórica, a preocupação pelo relato preciso dos fatos também é comum aos dois. Altdorfer procurou na estatística o seu ponto de sustentação para que a pintura fosse o mais fiel possível a um evento ocorrido na Antiguidade. A fidelidade aos fatos no século XVI é primordial para a história

¹⁷¹ Reinhart KOSELLECK. op. cit. p. 21.

¹⁷² Idem. Ibidem. p. 22.

exemplar. Quanto mais certa a descrição, mais perfeito fica o modelo histórico que deve ser seguido ou evitado e, com isso, os erros são minimizados. Martin Del Rio faz questão de mostrar nas primeiras letras que escreve, o resultado final de seu texto como uma narrativa histórica. Uma narrativa histórica com todos os pressupostos que carrega em sua época, para ser considerada como tal. Ele utiliza recursos para reforçar este caráter, como o fato de ter testemunhado a situação que descreve, e a seleção de documentos oficiais e cartas para ser preciso também naquilo que não vivenciou. Diante deste quadro, a inclusão do nome de Rolando, um cavaleiro de Carlos Magno e, portanto, um indivíduo não-ficcional, é uma escolha razoável para relacionar-se com o todo textual.

A verdade histórica exige que a escolha de personagens exemplares seja feita no seu âmbito. Homens célebres de veia heróica são escolhidos como o fator de aproximação com aquele que deve ser exaltado. Já vimos que a valorização da épica de valor histórico era um gênero recomendado pelos eruditos, como uma produção escrita que poderia ensinar a moral e valores heróicos. A rejeição da ficção, presente nas novelas de cavalaria, é um elemento importante para a censura desses livros que competem pelo consumo dos leitores. A disseminação da literatura cavaleiresca era forte no século XVI, e maior do que a épica histórica – graças ao prestígio alcançado entre os menos abastados. A Canção de Rolando era bastante difundida na Espanha desta época, através da valorização do ideal guerreiro e heróico no contexto de guerras de religião. Martin Del Rio era um erudito que reconhecia o alto valor da épica histórica e, conseqüentemente, o alcance do exemplo de Rolando na vida das pessoas.

É curioso observar que a impressão do manuscrito de Del Rio ocorreu anos antes de sua morte. Apesar disto, não há qualquer menção ao verdadeiro nome do autor. Seus contemporâneos leram a obra, e provavelmente sabiam de quem se tratava. Geronimo era o nome do irmão mais novo de Martin, e Lopez o sobrenome de sua mãe. Não podemos confirmar que tenha sido ele a requerer a licença de impressão dos *Comentarios*. Contudo, o argumento do distanciamento do fato narrado cai por terra se considerarmos a lógica da proximidade factual pelo testemunho como um dos pilares da escrita da história no século XVI.

O cavaleiro levou uma vida heróica e morreu em meio à luta contra os infiéis. D. João de Áustria seguiu uma vida exemplar e morreu de tifo em meio às atribuições resultantes da ambição calvinista. Para Martin Del Rio, aqueles que estão do lado da verdade de Deus não podem fracassar. Sua história é uma colaboração na batalha entre o Bem e o Mal.

CAPÍTULO III: Os *Comentarios* na luta contra o calvinismo.

Os Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte, na edição de 1601, não apresenta a dedicatória original de Martin Del Rio, nem data de quando escreveu sua obra. Trezentos anos depois foi feita a tradução para o francês, que resultou em uma edição bilíngüe onde essas informações são privilegiadas. A escolha pela edição de 1601 nesta pesquisa foi feita obedecendo ao critério de contemporaneidade ao autor, fazendo com que as intervenções iniciais do tradutor também sejam objeto de análise e complementem as investigações realizadas. Além da busca das informações ausentes da tradução espanhola, recorreremos à tradução francesa para fins de esclarecimentos pontuais e de ordem factual.

A publicação dos *Comentarios* em francês foi uma iniciativa da Sociedade de História da Bélgica, que organizou uma coleção de memórias relativas a este país. A. Delavigne foi o encarregado da tradução intitulada *Mémoires de Martin Antoine Del Rio sur les troubles des Pays-Bas durant l'administration de Don. Juan d'Autriche*. Esta edição de 1869 foi a primeira a publicar o texto em latim, que afirma ser do ano de 1578. É nela que se encontra a dedicatória escrita por Del Rio ao papa Gregório XIII. O pontífice foi um grande combatente do protestantismo, que se alastrava continuamente no período em que ocupou o lugar mais alto no Vaticano. O autor deixa claro quais são as suas intenções ao escrever sobre as mais novas desordens ocorridas na região dos Países Baixos. Para ele, a obra será útil se descrever o estado das províncias, o espírito dos grandes e as aspirações dos diferentes grupos após a partida de Filipe II porque permite compreender “não somente os fatos e eventos isolados, onde o acaso tem grande espaço de atuação, mas as razões e as causas”. E complementa: “assim retiraremos da história seu verdadeiro fruto”¹⁷³. Mais uma vez, nos deparamos com a concepção de história mestra da vida. A importância da compreensão das causas é a possibilidade em fornecer um exemplo para os leitores, que consiste na função histórica primordial. Mais adiante Del Rio manifesta o desejo em apresentar a

¹⁷³ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Mémoires...* p . 3 f.

verdade simples para que a história cumpra seu papel. Assim, abdica da utilização de uma escrita rebuscada. Reforça a procura pela verdade quando afirma que não sente ódio por ninguém e não é adepto da lisonja. Afinal, seus anos como magistrado lhe renderam a capacidade de não considerar “o incerto como o certo nem a dúvida como ciência”¹⁷⁴. A procura por informações precisas em documentos oficiais e cartas é um complemento à narrativa baseada no seu testemunho direto. Ele não quer fazer como outros escritores, que camuflaram fontes através da imaginação. Também não recorre a nomes antigos, doutos e pouco conhecidos, preferindo adotar os atuais. Não traduz para o latim nomes de família ou as qualidades bárbaras para se passarem por romanas. Assim espera que a leitura não seja interrompida pelo leitor, o que reforça a hipótese de que o público-alvo de Del Rio seja constituído por homens que poderiam passar pelas mesmas situações que o personagem principal: os sucessores de D. João de Áustria, ou todo governante que se depare com a ameaça considerada herética.

Em um breve resumo na parte final da dedicatória ao papa, a fonte dos males é apontada como o descaso com o ensinamento doutrinal e a suspensão quase completa do exercício do culto. Ele espera extinguir totalmente o que chama de contágio cruel, hostil a todo poder legítimo, que passou pela Alemanha, Inglaterra e províncias vizinhas até locais insólitos da Bélgica. Itália e Espanha não devem sofrer a invasão do mesmo mal.

Após as explicações geográficas e políticas sobre a região dos Países Baixos, Martin Del Rio inicia a análise dos conflitos. Logo que Filipe II foi embora dos Países Baixos, em 1559, e deixou em seu lugar Margarida de Parma, alguns integrantes do Conselho de Estado começaram a mostrar novamente a sua insatisfação com o governo espanhol. Eles reclamavam dos privilégios concedidos ao Cardeal Granvelle pela nova governante. Para Del Rio as causas desta reprovação não são políticas, mas morais. A ambição e avareza são pecados que constituem uma fonte *fortíssima* de desordem e levantes, e dentre os pecadores estão Guilherme de Orange, seu irmão Luís de Nassau e os condes Egmont e Hornes. Muitos nobres seguiram o exemplo dessas figuras de prestígio na

¹⁷⁴ Idem. Ibidem. p. 5 f.

sociedade neerlandesa, e a partir deste momento uma sucessão de acontecimentos desastrosos tomou lugar nos Países Baixos.

... não se contentando em imitar alguns vícios particulares de outros Reinos, soltaram as rédeas, e se entregando a todos os vícios juntos, e em breve tempo consumiram seus patrimônios: e esperando remediar sua necessidade com grande desejo, solicitude e diligência, aspiravam a ofícios públicos, achando que conseguiriam boas posições mesmo por meios escusos, e que já teriam que esperar mais: ia entretanto crescendo sua dissolução como espuma, e não somente suas riquezas iam acabando, o que é o mais grave mal sem comparação, a Fé e Religião andavam vacilando, e quase de todos eles ia faltando: e esta foi sem dúvida nenhuma a causa de todo o mal...¹⁷⁵.

Aqui está apresentado o processo de decadência dos rebeldes para que o autor possa desvendar as causas das revoltas, que é o seu objetivo. Neste pequeno trecho podemos identificar elementos importantes para análise. A origem do mal que assolou a sua terra natal foi a fraqueza na fé dos homens e a da religião. A partir dos pecados citados anteriormente, que representam grandes vícios, Del Rio esclarece que aqueles homens os copiaram de outros reinos – provavelmente os infestados pelo protestantismo. É importante ressaltar que esta dominação do vício está diretamente ligada ao descaso na fé, já que o homem temente a Deus não se entrega a ele. Este é o ponto de partida para toda a decadência. Os homens corruptos necessitavam de bons cargos públicos porque a riqueza é toda gasta com os vícios. E não importam os meios pelos quais conseguem conquistar seus desejos. Infiltrados no meio público, contaminam rapidamente outros homens, que repetem o mesmo processo.

A interpretação da ambição e da avareza como elementos de destaque no aparecimento das desordens foi baseada nos escritos de São Tomás de Aquino, assim como todo o restante dos *Comentarios*. No primeiro capítulo desta pesquisa foi destacada a existência de uma influência da doutrina de São Tomás no

¹⁷⁵ “...no se contentando de imitar algunos vicios particulares de Reynos estraños, soltaron la rienda, y entregandose a todos los vicios juntos, y em breve tiempo consumierõ sus patrimonios: y esperando de remediar su necesidad com grande desseo, solitud y diligencia, aspiravam a los oficios publicos, parecendoles que aunque fuesse por malos medios les convenia ponerse en buen lugar, y que no avia ya que esperar mas: yua entretanto creciendo su dissolucion como espuma, y no solamete se les yua acabando por momentos la hazienda, fino lo que es mas grave mal sin ninguna comparaciõ, la Fé y Religion andava vacilando, y casi del todoles yua faltando: y esta fue sin duda ninguna la causa de todo su mal...”. Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios..*” p. 4 f.

pensamento de Del Rio, baseando-se nos estudos de José Pedro Paiva. Mesmo camuflada, essa influência estava presente nos argumentos do autor. Se por um lado a descrição aterrorizadora do poder maligno presente em manuais como o *Disquisitionum magicarum* indica um distanciamento desta doutrina, no que diz respeito ao alcance da ação diabólica, por outro lado o tomismo se mostra ao longo de todo o texto dos *Comentarios*. A ambição e a avareza no Novo Testamento exprimem o sentimento de não ter limites em querer sempre ter mais. Para São Tomás de Aquino, este sentimento é o grande inimigo do princípio da igualdade, que por sua vez caracteriza a justiça. Portanto, o desejo desmedido direcionado para a concentração de poder e riquezas resulta na corrupção e compromete o bem comum. A importância da questão da justiça para São Tomás de Aquino fica evidente nas longas discussões que estão presentes na *Suma Teológica*¹⁷⁶. A justiça como vontade constante e perpétua de dar a cada um o seu direito ordena as relações humanas. E como o homem pertence a uma comunidade, portanto faz parte de um todo, seus atos precisam ser direcionados ao bem comum. O desprezo ao bem comum é um desvio que leva o homem a cometer todos os pecados. Como consequência, a sociedade deve constituir uma autoridade que preze por isso e que tenha como foco assegurar a justiça. São Tomás abordou a questão da *guerra justa* baseado nas exceções que Santo Agostinho sustentava na defesa da paz. O combate era legítimo se feito por justos contra injustos, pois não deveriam ser subjugados por malfeitores, e a existência da injustiça em si seria a justificativa para este mal necessário. Cair na tentação dos vícios era pior do que a guerra. Ela era um instrumento para a busca de paz que fazia parte da vontade divina¹⁷⁷. São Tomás definiu uma guerra legítima em três condições. Sob a autoridade do príncipe, já que a declaração do combate não compete ao âmbito privado – como destacado acima, é função do príncipe defender a justiça; uma causa justa; e a intenção de promover o bem e evitar o mal¹⁷⁸. Para Martin Del Rio a reação do governo espanhol às revoltas nos Países Baixos apresentava essas condições e, portanto, era legítima. Os vícios de alguns nobres neerlandeses, notadamente a avareza e a ambição, levou ao desdém ao bem comum. A busca incessante de riquezas fazia com que esses homens não

¹⁷⁶ Tomás de AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. vol. VI. pp. 54-76.

¹⁷⁷ Quentin SKINNER. op. cit. p. 264.

¹⁷⁸ Tomás de AQUINO. op. cit. vol. V. p. 518.

medissem esforços para alcançar os seus objetivos e conseqüentemente ferirem o princípio de justiça. Defendê-la era a função de Filipe II, e seu representante nos Países Baixos fora designado para restaurá-la. A causa era justa, pois fundada no restabelecimento da ordem, e a intenção do governador-geral sempre foi a paz. As medidas tomadas pelos espanhóis estavam de acordo com a intenção de extirpar de maneira eficiente esse mal que assolava a sociedade. Como remédio para a causa maior das recentes atribulações, Filipe II deixou uma ordem especial a D. João de Áustria: a sua primeira ação no local seria mandar a todos das províncias que fizessem procissões, sacrifícios e orações pela paz e tranqüilidade pública¹⁷⁹. A seguir, a administração da justiça ao castigar os maus e premiar os bons. Nos atos do governador-geral deviam conter clemência e perdão, mas se fossem em vão, a utilização de armas ficaria legitimada¹⁸⁰.

Percebe-se como a construção da narrativa se baseia na doutrina tomista e direciona todo o relato. A questão da paz, valorizada por São Tomás de Aquino ao decretar a *guerra justa* como último recurso para sua manutenção, é recorrente na voz de D. João de Áustria. Uma das situações descritas pelo autor é emblemática por mostrá-lo homem virtuoso insistente com seus objetivos. Del Rio conta que um membro do Conselho dos Estados Gerais foi mandado por Orange a Luxemburgo para interrogar D. João, cuja nomeação para governador-geral ainda não havia sido aprovada pelos deputados. Queria saber o que viera fazer lá, quais eram as ordens do rei e o que pretendia. D. João, diante da insistência e petulância do embaixador tinha motivos para não fazê-lo, mas respondeu com modéstia todas as perguntas afirmando que queria fazer a paz¹⁸¹. Em outra situação, a inclinação ao bem comum se revela como um dos pilares que guiam as decisões do governador-geral. Muitos tramavam pela sua prisão ou assassinato, e o perigo rondava D. João constantemente. Durante uma negociação com os deputados dos Estados Gerais, a necessidade de deslocar-se para Namur poderia constituir um risco. A decisão em partir para a cidade fazia parte da estratégia de mostrar que confiava nos deputados para que lhe confiassem de volta e, assim, tornar as

¹⁷⁹ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. p. 22 f.

¹⁸⁰ Idem. Ibidem. p. 22 v.

¹⁸¹ Idem. Ibidem. p. 23 v.

negociações mais fáceis. Diante deste quadro, Del Rio afirma que D. João estava “preparado para colocar-se diante de qualquer perigo pelo bem público”¹⁸².

A boa vontade do rei com seus vassalos refletia na administração de D. João, e as virtudes do governador-geral transparecem nas suas ações a todo momento. Tinha fidelidade ao rei, coragem para enfrentar hereges traiçoeiros e cumpria com a sua palavra. No dia 4 de maio de 1577 tomou posse no seu novo cargo, mas antes jurou cumprir o Edito Perpétuo, que o obrigava a respeitar as exigências acordadas na Pacificação de Gante. Pela visão de Del Rio, enquanto Guilherme de Orange não seguia sua parte no acordo e se armava cada vez mais, D. João clamava para que os deputados se unissem em favor do cumprimento de tal documento, como ele havia prometido. Não havia tirania. Quando um herege foi queimado publicamente, ocorreu por consentimento dos deputados dos Estados Gerais¹⁸³. A preocupação de Del Rio em mostrar as virtudes do governador e de seus aliados concorda com o propósito de escrever uma história sobre o período do governo de D. João. Ele era um exemplo a ser seguido. Um exemplo perfeito e, por isso, fácil de ser transposto para o papel sem necessitar da ajuda da imaginação. As insistentes afirmações sobre a verdade presente nos fatos relatados indicam este processo. Contudo, percebe-se que a construção da narrativa e a seleção de documentos foram inteligentes e apropriadas. Quando os terços abandonaram os Países Baixos como resultado de um acordo entre o governo e os rebeldes, Del Rio aborda a questão da violência exercida por eles contra a população local. Em contrapartida, a descrição sobre a saída deles é carregada de emoção. Muitos já estavam adaptados à terra, casados e com filhos. Outros, velhos e feridos de guerra. Tinham feito tanto pela defesa daquele local e agora saíam como culpados. Tudo isso lhes causava vergonha e confusão. Durante o trajeto de volta houve mortes por cansaço, pobreza e indignação¹⁸⁴. Quando inseriu a transcrição de uma carta de Orange aos deputados enviada no dia 4 de janeiro de 1577, não deixou de observar o “depravado conselho”¹⁸⁵ de seu conteúdo. Orange escreve sobre a decisão em aceitar ou não D. João como governador-geral e comenta como os espanhóis são traiçoeiros. Por isso, os deputados deviam ter

¹⁸² Idem. Ibidem. p. 41 f.

¹⁸³ Idem. Ibidem. pp. 51 v – 52 v.

¹⁸⁴ Idem. Ibidem. p. 43 v – 44 f.

¹⁸⁵ Idem. Ibidem. p. 37 f.

cuidado com as palavras doces de D. João de Áustria porque sua verdadeira intenção era subtrair os seus poderes e desarmar os rebeldes para poder se apropriar das armas. O mais prudente era só tratar com D. João depois que os soldados espanhóis tivessem se retirado. O autor desconfia que a carta não tenha chegado a tempo ao Conselho porque com essas palavras o nível de exigência de seus membros teria aumentado consideravelmente¹⁸⁶. Após toda a virtude de D. João ter sido exaltada e valorizada, tal carta seria realmente considerada um deprecamento.

3.1. *Guerra Justa*

A exaltação da honra de D. João de Áustria por Martin Del Rio e o combate a hereges submetido aos critérios de uma *guerra justa* esclarece um modelo de escrita da história já apresentado aqui. Entretanto, as guerras de religião do século XVI contribuíram para mudar definitivamente a visão de história de muitos autores, que será fortalecida no século seguinte.

No capítulo II abordamos como Maquiavel direciona o pragmatismo da história para a manutenção do poder. O respeito à moral na condução do governo podia ser abandonado em nome do alcance de interesses políticos. Muitos refutaram essas idéias a partir da defesa das virtudes, em obras que adquiriram um vasto conhecimento pelos seus contemporâneos. Quentin Skinner enumera alguns: Reginald Pole na *Apologia a Carlos V*; Roger Ascham no *Relato e Discurso*; Innocent Gentillet no *Anti-Maquiavel* e, alguns anos após a publicação de *O Príncipe*, o jesuíta Antonio Ribadeneyra na *Religião e as virtudes do príncipe cristão*. Porém, no final do século XVI as exaustivas batalhas e conquistas deram um novo olhar aos homens no sentido de admitir, até certo ponto, que a defesa da justiça como elemento primordial sobre a manutenção da República poderia ser flexibilizada¹⁸⁷. Um de seus expoentes foi Justus Lipsius, um renomado jesuíta que era amigo e admirador de Martin Del Rio. Publicou em 1589 a *Politicorum*

¹⁸⁶ Idem. Ibidem. pp. 34 f – 37 f.

¹⁸⁷ Quentin SKINNER. pp. 271-272.

sive civilis doctrinae libri sex, qui ad principatum máxime spectant, eitada, onde aborda a questão do bom governo e da guerra. Ao discorrer sobre a manutenção do poder, defende que a virtude não é o único caminho para a honra. E a partir das experiências nos tempos atribulados em que vive, recomenda ao príncipe que leve em consideração o que é proveitoso e não somente o que é honesto. A razão de Estado tem seu lugar na história porque é necessária¹⁸⁸. Giovanni Botero foi o grande difusor do termo “Razão de Estado” ao publicar sua obra *Ragione di Stato* também em 1589. Maquiavel deu os alicerces para a construção do conceito, contudo, Botero se distancia dele quando adota a conjunção entre o dever político e o religioso¹⁸⁹. Era um homem intrinsecamente ligado à Contra-Reforma Para ele, a conservação do Estado passava pela religião, e em nome dela o dilema moral abriu espaço para o fingimento.

A figura virtuosa que Martin Del Rio nos apresentou através de D. João de Áustria não dá sinais de que exista algum tipo de simulação moral nas decisões políticas que tomou. Ele descreve uma situação em que cartas privadas do governador-geral ao rei foram interceptadas e seu conteúdo divulgado. Nelas, havia somente a verdade, não continham ameaças de espécie alguma e nem exemplos de má vontade. Somente desgosto pelos insucessos no estabelecimento da ordem¹⁹⁰. Os *Comentarios* foram escritos logo após a morte de D. João, em 1578, o que nos leva a crer que o sentimento anti-maquiavelista ainda era muito forte na época. Tanto a obra de Justus Lipsius quanto a de Botero foram publicadas onze anos depois, e os preceitos da Razão de Estado só terão larga aceitação a partir do século XVII. É importante lembrar que o tempo de Martin Del Rio é dotado de transformações estruturais significativas. As guerras de religião haviam marcado a procura pela paz através da força e imposição religiosa. No terceiro livro dos *Comentários* D. João já pegava em armas com o objetivo de “forçar a paz”¹⁹¹. Para ele, a idéia defendida pelos calvinistas sobre liberdade de consciência “abriu a porta pela qual todas as heresias entraram nestas províncias”¹⁹². Aqui, o fim do mundo estava cada vez mais próximo em uma concepção escatológica definida.

¹⁸⁸ Idem. Ibidem. pp. 272-273.

¹⁸⁹ B. A. HADDOCK. op. cit. p. 29.

¹⁹⁰ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. p. 57f.

¹⁹¹ Idem. Ibidem. p. 59 v.

¹⁹² Idem. Ibidem. p. 5v.

Após anos de conflitos exaustivos e com a possibilidade de concórdia cada vez mais distante, os grupos religiosos não viram outra saída para o fim da luta do que a dissociação entre única religião e paz. A guerra civil se secularizava e a concepção de tempo sofria mudanças profundas. O futuro ganhava mais espaço, o fim do mundo fora adiado¹⁹³. A astrologia, instrumento importante da época, não deixou de ser consultada, mas realizava previsões cada vez mais distantes. A relevância do uso da astrologia ganha referência na obra de Martin Del Rio, em descrição detalhada de um cometa que remetia às dificuldades que haveriam de enfrentar.

... as guerras que depois se seguiram, parece que o céu deu sinais delas: porque em 14 de Novembro de 1577, às cinco da tarde apareceu primeiro sobre a Cabeça de Sagitário, um cometa com aspecto ameaçador, de finíssima cor prata, acesa, a cauda tinha cor de sangue, de forma rara, os raios eram torcidos em arco, e estavam apontados para os chifres de Capricórnio: caminhava este cometa para o Equinócio, e linha meridional que atravessa o Pólo do Zodíaco, e prosseguindo deixando as asas de Antinos, e o bico da Águia chegava entre a cauda do Golfinho, e narizes do cavalinho até o peito de Pégaso. Em dezoito do mesmo mês, saiu da cabeça do cometa uma cabeleira como cauda em forma de uma asa estendida: e maior maravilha ocorreu em três de Dezembro, porque de repente foi vista partir-se em três raios como lanças de fogo, e jogá-los em torno da Itália, o estreito de Gibraltar e parte do Ocidente, em 18 de Janeiro de 1578 se deixou de ver: e porque sua propriedade escreveu muito e com erudição Cornélio Gemma, não me alongo.¹⁹⁴

Os prognósticos não eram positivos. A observação do cometa por praticamente dois meses deu sinais de que os inimigos do catolicismo ainda resistiriam. A ameaça turca na Itália e a morte de D. Sebastião, rei de Portugal, frente aos muçulmanos marroquinos na Batalha de Alcácer-Quibir eram sinais claros de que o fim do mundo estava próximo. Martin Del Rio ainda esperaria dois anos para assistir a Filipe II subir ao trono português. O Ocidente estava em perigo.

¹⁹³ Reinhart KOSELLECK. op. cit. pp. 26-27.

¹⁹⁴ “... las guerras que despues siguieron, parece que el cielo dio señales dellas: porque en 14 de Noviembre de 1577, a las cinco de la tarde parecio de primero sobre la Cabeça del *Sagitario*, una cometa con aspecto amenazador, de color de finissima plata, algo encendida, la cola tenia de color sanguino, de forma rara, los rayos eran torcidos en arco, y tiravan derecho para los cuernos de *Capricornio*: caminava esta cometa por el Equinoctial, y línea meridional que atraviessa el Pólo del Zodíaco, y passando adelante dexando las alas de *Antinos*, y pico del *Aquila* llegava por entre la cola del *Delfin*, y narizes del *Cavallito* hasta el pecho de *Pegaso*. En diez y ocho del mismo mes salio de la cabeça de la cometa una cabellera como cola en forma de una ala tendida: y mayor maravilla acaecio en tres de Deziembre, porque en un repente fue vista partirse en tres rayos como lanças de fuego, y tirarlas la buelta de Italia, el estrecho de Gibraltar y la parte del Occidente, en 18 de Enero de 1578 se dexo de ver: y porq de su propiedad a escrito largo y con erudicion Cornelio Gemma, no me alargo. Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. pp. 100 v-101 f.

As profecias resistiam à centralização e fortalecimento do poder do Estado, que tentava exercer o controle sobre o futuro político. Quando isto ocorreu, o tempo futuro passa a ser projetado de maneira diferente àquele controlado pela Igreja através das profecias. Na verdade, estas não projetavam um futuro porque se baseavam na escatologia. Deus mandava sinais repetidos de que o fim do mundo estava próximo, e as batalhas eram sua confirmação. O adiamento do fim se renovava a cada evento e impedia que o futuro se alargasse. Com a possibilidade da projeção, outras probabilidades puderam ser incluídas dentro daquela moldada pela luta entre o Bem e o Mal¹⁹⁵.

3.2. O mal e a heresia

O antagonismo que transborda a perspectiva religiosa entre o bem e o mal marcou a obra de Martin Del Rio. O esquema é adotado principalmente em períodos políticos mais atribulados e violentos, em especial na segunda metade do século XVI¹⁹⁶. Este sistema dicotômico determina que entre os dois grupos delimitados, os inimigos só podem estar do lado do pecado. A história de Rolando exprime muito bem este ambiente porque foi um dos principais meios de propagação do combate baseado no princípio do dualismo. O mal deve ser eliminado e, quando personificado pela figura dos infiéis, permite a valorização do mártir como cavaleiro cristão¹⁹⁷. A tradição da Igreja procurou reafirmar a idéia de que o mal não existe em sua substância, indo contra correntes que se posicionavam desta maneira e que eram consideradas heréticas. São Tomás de Aquino desenvolveu uma discussão memorável sobre esta definição, quando estabeleceu que o mal é a privação do bem. Como os dois são opostos, “para conhecer o que é o mal é preciso saber a razão do bem”. Não se pode negar um sem o outro. Além disso, o mal não pode ser um fim porque é ausência. Os dois apresentam diferenças constitutivas no campo da moral, onde o mal impede a realização prevista pelo

¹⁹⁵ Reinhart KOSELLECK. op. cit. p. 32.

¹⁹⁶ Claude-Gilbert DUBOIS. La conception de l'histoire en France au XVI siècle (1560-1610). Paris: Nizet, 1977. p.19.

¹⁹⁷ Rui BEBIANO. op. cit. p. 126.

bem. Este exprime uma ordem, mas o outro, além de exprimir uma desordem, também é prejudicial ao próximo. Uma vez tomado pelo mal moral, nem sempre existe a possibilidade do retorno ao bem, pois “não há retorno para a cegueira, que é uma espécie de mal, para a visão”¹⁹⁸.

A definição do mal é importante porque consiste num elemento fundamental da estrutura do pensamento de Martin Del Rio. Ele percebe o mundo a sua volta através da lente religiosa e interpreta os fatos a partir de seus pressupostos. Isto significa que a verdade que ele tanto preza está imbuída, por um lado, de inspiração divina e, por outro, de artimanhas maléficas. A descrição do processo pelo qual se deu o combate entre o governo espanhol e os rebeldes tem como base o princípio moral, estritamente ligado à religião. Já vimos a relação entre a fragilidade da fé e o vício, e como o desprezo ao bem comum leva a todo tipo de pecado. Portanto, os homens imorais eram aqueles tomados pelo mal. O diabo os inspirava no pecado para que ocorressem perturbações no reino do catolicíssimo Filipe II, e a heresia era um de seus instrumentos. Os comportamentos condenáveis das almas mais fracas são indicados muitas vezes pelo autor. Ele menciona hereges que praticam célebres indecências diante dos altares das igrejas¹⁹⁹ e a existência de intenções depravadas²⁰⁰. A fraqueza da fé e a falta de disciplina faziam com que igrejas fossem saqueadas, Deus renegado, mulheres estupradas, camponeses forçados a servir, mortes e incêndios disseminados²⁰¹. O principal herege, Guilherme de Orange, era um tirano²⁰² que dominava províncias repletas de brigas, adultérios e estupros²⁰³. Um acontecimento em especial foi descrito com detalhes por Del Rio. Havia ao lado da cidade de Mechelen um grande beguinário, que era casa de viúvas e donzelas beatas chamadas beguinhas. Dedicavam-se a trabalhos de caridade. Não se submetiam à clausura, contudo eram mais de 1.200 mulheres cercadas por uma muralha. Os rebeldes destruíram o beguinário, “com triste espetáculo para os bons, em verem essas beatas desamparadas, pobres e expulsas de sua casa, pelas ruas e escondidas pelos

¹⁹⁸ Tomás de AQUINO. op. cit. v. 2. pp. 85-86.

¹⁹⁹ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* p. 98 f. O original está numerado como 102 de maneira errada.

²⁰⁰ Idem Ibidem. p. 79 f.

²⁰¹ Idem Ibidem. p. 85 v.

²⁰² Idem Ibidem. p. 85 f.

²⁰³ Idem Ibidem. p. 85 v.

cantos, sem ter ninguém que quisesse falar com elas, consolá-las ou socorrê-las”. Seus parentes e conhecidos também não as ajudavam porque ou tinham adotado a heresia, ou tinham medo da reação dos hereges que por lá estavam. Algumas morreram de fome e moléstias sofridas por “homens insolentes e facínoras”²⁰⁴. Diante deste quadro, Del Rio defende a repressão pela força porque o perdão não é efetivo na heresia. “Por alguma loucura, se estão tocados pelo calvinismo”, os rebeldes agem contra seu senhor a favor de suas depravadas intenções. Em outros casos o inimigo vencido serve ao novo senhor, ou com a graça recebida reconhece o benefício. Com o calvinismo, sem o uso da força esse mal se dissemina para todas as direções, “como o faz a peste”²⁰⁵. Para Del Rio a heresia calvinista estava no patamar dos males morais que são definitivos, ou seja, em que não há possibilidade de retorno ao bem. Ele impede que o bem consiga alcançar o seu fim, ou seja, que Filipe II governe com justiça. A desordem na região dos Países Baixos é uma característica sua como um mal, assim como os prejuízos causados a todos a sua volta. Exemplos empíricos são descritos ao longo do texto, com relatos de violência e imoralidade.

Todos esses acontecimentos abomináveis significaram uma provação para muitos católicos. Mas Deus não abandonava seus verdadeiros fiéis, no que representava para muitos a expiação dos pecados.

Em Gante foram expulsos os Clérigos e Religiosos, e em seu lugar foram admitidos os Calvinistas, as igrejas e mosteiros arruinados, ou desmantelados até o chão, ou concedidos aos hereges para o exercício de suas seitas, a justiça eclesiástica e secular corrompida: ainda não contentes, se cometeu uma maldade imensa, que foi, vendo os hereges que as quatro ordens mendicantes dificultavam o progresso de seus desejos acusaram alguns padres delas de pecado nefando, e para comprovar deram diversas vezes e com novos requisitos tormentos crudelíssimos a alguns Religiosos mancebos, e meio mortos e despedaçados com a grande dor os fizeram confessar contra a verdade, que os padres, aos quais desejavam a morte, haviam delinqüido. Com esta confissão queimaram publicamente um Religioso de cada uma das ditas ordens cuja inocência não permitiu Deus deixar muito escondida, porque aqueles que com os tormentos haviam declarado o que não era, vendo-se livres os manifestaram²⁰⁶.

²⁰⁴ Idem. Ibidem.p. 117 v.

²⁰⁵ Idem Ibidem. p. 79 f.

²⁰⁶ “En Gante fuerõ echados los Clérigos y Religiosos, y en lugar delllos admitidos los Calvinistas, las iglesias y monesterios arruynados, o desmantelados hasta el suelo, o concedidos a los hereges para exercicio de sus setas, la justicia eclesiástica y seglar quedo pervertida: no contento aun desto

A expulsão dos católicos de Gante resultou em um quadro de desordem e terror. Os vícios dos calvinistas se espalharam pela cidade, corrompendo um dos maiores bens, a justiça. A maldade e a mentira foram instrumentos pelos quais os hereges atuaram na tentativa de eliminar obstáculos à disseminação de sua fé. As maiores resistências eram as ordens mendicantes, pois seus integrantes pios constituíam uma forte barreira. A partir da acusação leviana, os mais jovens foram cruelmente torturados e, diante de tamanha dor, admitiram uma falsa verdade. Desta maneira os hereges os humilharam porque foram igualados na mentira. Contudo, a justiça de Deus não deixou que as falsas confissões fossem registradas na história: os que foram libertados logo corrigiram a injustiça. Ficou claro que os católicos quando torturados e executados, tornavam-se mártires. Eles eram seguidores da virtude e qualquer condenação era considerada injusta, uma obra do mal. Os hereges disseminadores de desgraças e malefícios devem confessar suas culpas. A condenação seria o resultado direto do castigo pela desordem e injustiças cometidas contra os verdadeiros cristãos.

O contraste entre o exemplo virtuoso de D. João de Áustria com o exemplo pecador dos rebeldes é sublinhado pelo autor. Era notório que eles chamavam entre si *Contra- Juanistas*, e preferiam obedecer aos turcos aos espanhóis²⁰⁷. Contudo, diante da inteligência do governador-geral, não conseguiam sustentar atitudes dissimuladas, que lhes eram características, no intuito de enganá-lo. Eles sustentavam uma posição em público e outra diferente no âmbito privado. Quando suas “máscaras caíram”, as verdadeiras pretensões ficaram descobertas, mas D. João já havia percebido a realidade da situação²⁰⁸. Ele era um homem exemplar, um herói virtuoso, cuidadoso, e por isso tinha a capacidade de discernimento entre a verdade e a mentira. Mas a população era facilmente convencida pela astúcia de Guilherme de Orange. Para Del Rio, “O povo era alterado grandissimamente por

se cometio en ella una increíble maldad, la qual fue, que viendo los hereges que las quatro ordenes mendicantes estorvavan el progreso de sus desseos acusarõ a algunos padres dellas del pecado nefando, y para comprobarlo dieron diversas vezes y con nuevos requisitos tormentos crudelissimos a algunos Religiosos mancebos, y medio muertos y despedaçados con la grandeza del dolor los hizieron cõfessar cõtra verdad, que los padres, a los quales desseavan la muerte, avian delinqüido con ellos con esta confession quemaron publicamente un Religioso de cada una de las dichas ordenes cuya inocencia no permitio Dio quedar mucho encubierta, porque los que con los tormentos avian declarado lo q no era, viendose libres los manifestaron”. Idem Ibidem. p. 132 v.

²⁰⁷ Idem. Ibidem. p. 56 v.

²⁰⁸ Idem. Ibidem. p. 79 v.

essas coisas”. Isto porque a Igreja não tinha bases firmes nos Países Baixos, no sentido de que o fortalecimento da fé da população em geral ainda era muito deficiente. Esta era a parte inicial do processo da degradação humana e causa das rebeliões. Portanto, o pressuposto da existência do mal nas origens das desordens ainda é consistente porque os hereges alcançavam as mentes mais inclinadas ao malefício. São esses homens que irão lutar pela liberdade de consciência, pela possibilidade de praticar sua crença. Segundo Martin Del Rio, uma luta com homens tomados pelo “veneno das heresias”²⁰⁹.

3.3. A heresia e a magia

Os *Comentarios* de Martin Del Rio é uma obra sobre a história das revoltas ocorridas nos Países Baixos durante aproximadamente dois anos. Trata do tempo presente do autor, em um esforço para que o exemplo de D. João de Áustria possa ser imitado. Mesmo com pouco tempo no cargo seus feitos tiveram resultados vitoriosos, e a morte precoce impediu sua continuidade. O *Disquisitionum magicarum* foi a obra em que Del Rio atingiu o reconhecimento geral. É um tratado sobre magia, e por isso apresenta a questão em uma estrutura completamente diferente. Não tem como finalidade a exemplaridade de homens ilustres, e apresenta o tema proposto em todas suas minúcias. Também procura a legitimação de seus escritos através de elementos diferentes. Enquanto nos *Comentarios* ele utiliza como modelo a história mestra da vida dos antigos e os documentos oficiais e cartas contemporâneos, no *Disquisitionum* ele recorre à erudição de grandes teólogos, filósofos e à Bíblia. Tomás de Aquino está presente nas duas obras. Guardadas as proporções, este ponto de interseção possibilita o aprofundamento da questão da heresia e complementa a análise realizada anteriormente.

A investigação mágica de Martin Del Rio foi o grande impulso para a notoriedade que o jesuíta alcançou em vida. Uma pista deste reconhecimento nos é dada pelo

²⁰⁹ Rolando Natin MIRITEO (Martin Del Rio). *Comentarios...* op. cit. pp. 4 v-5 f.

próprio autor, no segundo apêndice incluído posteriormente à primeira impressão desta obra, ao final do Livro V. Sob o título *Resposta às proposições e demandas de um certo Príncipe, sobre a maneira de proceder contra os envenenadores e feiticeiros*²¹⁰, Del Rio espera esclarecer melhor suas reflexões sobre o ofício dos juízes em casos de feitiçaria e magia. A origem do apêndice se deu no ano de 1602, quando o Conselho de *um certo príncipe* lhe solicitou respostas a algumas dúvidas de como proceder em interrogatórios e sobre as provas contra feitiçaria. As mesmas perguntas foram enviadas a outros especialistas simultaneamente. Quando todas as respostas foram recebidas pelo Conselho, cópias das soluções propostas pelos outros doutos chegaram às mãos de Del Rio. O estudo deste material não contribuiu para que o autor mudasse nenhum ponto nevrálgico de seu texto, apenas levou ao aperfeiçoamento de sua argumentação. Com o apêndice, forneceria uma explicação mais cuidadosa, ao mesmo tempo em que confirmava sua opinião sobre o tema²¹¹.

A edição aqui utilizada consiste em uma tradução do latim para o francês que foi impressa no ano de 1611. Seu autor, André Duchesne, era natural de Touraine e consagrou-se escrevendo sobre a história da França e sua realeza²¹². Também reuniu fontes importantes da história francesa na forma de uma coleção crítica²¹³. Em comum com Del Rio tinha o contato com a Companhia de Jesus, já que havia estudado em Paris sob a supervisão do jesuíta Jules-Cesar Boulenger²¹⁴ – talvez uma peça-chave na decisão de realizar esta tradução. Sabe-se que Martin Del Rio dedicou sua obra ao arcebispo Ernst da Baviera, que interessava-se pelas ciências ocultas e foi um elemento importante de defesa do catolicismo contra a expansão do calvinismo²¹⁵. De maneira correspondente, Duchesne dedicou-a a Charles de Saint-Sixte, bispo de Riez de 1599 a 1614 e senhor de Pont-Saint-Esprit. Em seguida, o tradutor fala diretamente ao leitor para alertá-lo sobre dois aspectos, sendo o primeiro relacionado ao conteúdo do texto de Del Rio. Duchesne afirma

²¹⁰ “RESPONSE AVX PRO. positions and Demandes d'un certain Prince, TOVCHANT LA MANIERE de proceder contre les Empoisonneurs and Sorciers”. Martin DEL RIO. op. cit. p. 864.

²¹¹ Idem Ibidem. p. 865.

²¹² René POUPARDIN. *Catalogue des manuscrits des collections Duchesne et Bréquigny*. Paris: Ernest Leroux Éditeur, 1905. pp. I – XX. Em <http://www.bnf.fr/pages/catalog/mssoc-num4.htm> Acessado em 21-10-2008.

²¹³ <http://www.britannica.com> acessado em 21-10-2008.

²¹⁴ René POUPARDIN. op. cit. pp. I – XX.

²¹⁵ P. G. MAXWELL-STUART. op. cit. p. 9.

que não teria feito este trabalho se não acreditasse na existência de almas que se tornam escravas das superstições e curiosidades ilícitas, na tentativa de se beneficiarem de alguma maneira²¹⁶. É interessante observar que a sua abordagem, mesmo na forma resumida, privilegia a idéia de superstição e curiosidade, e em nenhum momento lembra o tom ameaçador dos feitos diabólicos empregado pelo jesuíta. O segundo aspecto a chamar a atenção do leitor refere-se à metodologia empregada na tradução. Infelizmente, não foi feita uma transcrição completa da obra, e por isso Duchesne se defende: se retirou alguns exemplos, pelo menos citou os autores de maneira fiel; e se não introduziu todos os argumentos, manteve os principais e de maior importância. Além disso, quem tivesse o trabalho de comparar sua versão com a original, constataria a fidelidade da tradução²¹⁷.

O tratado de Del Rio insere-se no mundo onde a ação demoníaca era perfeitamente possível, e por isso poderia ser utilizada como fonte para explicações do que ocorria no cotidiano. Aqui será levada em consideração a posição de Stuart Clark, que defende esta maneira de conhecer as ações da natureza como sendo apenas diferente, e não inferior a qualquer outra. Sendo assim, não se pode dizer que os efeitos demoníacos eram atribuídos somente aos fenômenos cujas causas eram desconhecidas²¹⁸. A explicação que incluía a ação de demônios era amplamente utilizada como opção legítima, igualmente nivelada com as outras opções explicativas possíveis. Em comum acordo, sabia-se que tudo obedecia às leis da natureza - inclusive os espíritos maléficos - e é justamente este fator que fazia com que as atividades de diabos e bruxas fossem críveis. Somente o poder de Deus poderia não estar submetido à natureza, e Ele atuava assim através dos milagres²¹⁹. Neste contexto, o aparecimento de demonologias não é uma surpresa. Stuart Clark define a demonologia como “uma forma de filosofia natural especializada em fenômenos preternaturais”²²⁰. O termo preternatural é utilizado por Martin Del Rio para definir o que parecia ser sobrenatural, mas que na realidade era algo natural – porém além da natureza ordinária²²¹. A discussão de termos específicos e toda a reflexão contida nos tratados demonológicos da

²¹⁶ Martin DEL RIO. op. cit. s. p.

²¹⁷ Idem Ibidem. s. p.

²¹⁸ Stuart CLARK. op. cit. p. 218.

²¹⁹ Idem Ibidem. p. 209.

²²⁰ Idem Ibidem. p. 231.

²²¹ Idem Ibidem. p. 230.

época exprimem uma certa singularidade, cujas características devem ser levadas em consideração dependendo do indivíduo, do tempo e do espaço. Esses fatores são determinantes no enfoque dado ao tema e na construção de argumentos, que afloram independentemente das freqüentes citações comuns aos Santos Doutores da Igreja. Este raciocínio vai ao encontro de uma questão levantada por Márcia Moisés Ribeiro, que destacou a presença de elementos imaginários em obras de demonologia, sem descartar a existência de uma visão de mundo aristotélica²²². Isto explicaria a variedade de obras desta natureza, com especial ênfase na narrativa espanhola repleta de componentes fantasiosos²²³.

Del Rio incluiu em sua obra exemplos vivenciados por ele ou relatados por terceiros, contudo este último tipo de fonte é a mais utilizada no *Disquisitionum*²²⁴. Em cada caso apresentado, o discurso demonológico como um todo identifica a existência de uma intenção superior do diabo²²⁵: as bruxas são meros veículos de disseminação do malefício, como parte de um plano diabólico inserido na luta entre o Bem e o Mal.

Ao mesmo tempo em que se discutia o alcance possível dos poderes maléficos, a identificação da bruxaria incluía o comportamento do indivíduo. Como apresentado anteriormente, vícios eram relacionados à existência do mal. No caso do mal moral, um importante vestígio para o reconhecimento da heresia. Este aspecto foi acentuado numa época quando católicos e protestantes lutavam pela primazia na fé cristã. Os protestantes acusavam os católicos de praticarem bruxaria através de seus rituais, que desvirtuavam a pureza do Cristianismo primitivo. É interessante observar que os elementos e rituais católicos imitados pelas bruxas de forma burlesca eram muitas vezes aqueles questionados pelos protestantes, e por isso associados ao maligno²²⁶. Do lado católico, as acusações concentravam-se em uma explicação dualista calcada no relato bíblico. A bíblia narra rapidamente o caso de Simão, o Mago, que vivia na região de Samaria

²²² Márcia Moisés RIBEIRO. *Exorcistas e Demônios: demonologia e exorcismos no mundo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. pp. 32-33.

²²³ Idem Ibidem. p. 33.

²²⁴ Julio Caro BAROJA. *Las Brujas y su mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 1973. p. 160.

²²⁵ Sophie HOUDARD. *Les Sciences du Diable. Quatre discours sur la sorcellerie (XVe-XVIIe siècle)*. Paris: Les éditions du Cerf, 1992. p. 119.

²²⁶ Stuart CLARK. op. cit. p. 669.

iludindo a população com seus supostos poderes. Com a chegada dos apóstolos, Simão se converte, mas oferece dinheiro para que também pudesse ter a capacidade de conceder o Espírito Santo aos fiéis. Este exemplo torna-se o ponto de partida para que a heresia fosse ligada definitivamente à magia e, desde então, surgissem ao longo da História diversas ameaças à fé católica a partir das ilusões incitadas pelo demônio. Portanto, apresenta-se uma outra via pela qual os protestantes foram associados ao mal, na mais recente tentativa do diabo em ludibriar os católicos²²⁷.

Martin Del Rio baseia toda a sua obra mais famosa neste pressuposto. Sabe-se que o professor de teologia Thomas Stapleton já dizia em 1594 que “o tempo da reforma religiosa deveria ser um tempo de magia e vice-versa”²²⁸. Esta relação aparece nos seis livros que compõem o *Disquisitionum magicarum*: o Livro I trata da magia em geral e depois, mais especificamente, das magias natural e artificial; o Livro II se aprofunda na questão da magia negra, ou demoníaca; o Livro III se refere ao malefício e à vã observação; o Livro IV se concentra na adivinhação; o Livro V trata sobre o ofício dos juizes em matéria de feitiçaria e magia, como já detalhado; e o Livro VI foi escrito para os confessores quando deparados com casos de feitiçaria. Nesta obra, Del Rio segue a estratégia de defesa católica ao recorrer a exemplos de magia ocorridos no passado a partir de Simão, o Mago. A sua importância na história da heresia é indicada pelo autor ao nomeá-lo como *Príncipe dos Heréticos*²²⁹, assim como nas cerca de dezessete vezes em que é citado. É representativo o fato de que a maior concentração de citações ocorra no Livro II, onde é mencionado por volta de dez vezes. Além disso, a questão IX deste mesmo livro trata da identificação dos mágicos por parte dos antigos, revelando novamente o lugar de destaque deste argumento. A viabilidade deste caminho de reflexão se dá somente porque “a Superstição Mágica lançou suas raízes longe demais”²³⁰. Logo a seguir, Del Rio fornece o caminho feito pela heresia nas diferentes regiões ao longo da História:

²²⁷ Idem. Ibidem. p. 669.

²²⁸ Idem. Ibidem. p. 672.

²²⁹ Martin DEL RIO. op. cit. p. 7.

²³⁰ “... la Superstition Magique a ietté trop auant ses racines”. Idem Ibidem. p. 6.

Nós lemos que após este grande formigueiro de Sarracenos dispersos por todas as Espanhas, a Magia adquiriu tal autoridade, que com o grande desprezo das melhores e mais honrosas disciplinas enterradas na ignorância, foi ensinado publicamente em Toledo, Hispalis²³¹, e Salamanca, esta Arte Diabólica. Os Hussitas primeiramente tomaram a região da Boêmia, e os Luteranos posteriormente a Alemanha: estes foram seguidos por uma abundância de Feiticeiros. Sprenger e Nider Inquisidores da heresia nos ensinaram: eles têm arrastado torrentes de Encantamentos na zona de Aquilon²³², os que experimentaram o medo enrijeceu sob o rigor do frio Setentrional. Nos arredores da Suíça não se encontra mulher que não se envolva com encantamentos e malefícios: E disto não poderia tornar mais verdadeira causa, senão os restos danados da heresia Valdense, que para lá foram e são mantidos até hoje. Principalmente Inglaterra, Escócia, França, e toda a Flandres foram envenenadas pelo Calvinismo²³³.

Dos sarracenos, hussitas e valdenses chega-se à heresia do tempo de Del Rio, personificada pelos protestantes. Aqui, a ligação com a magia é evidente, assim como o grau de contaminação do mundo europeu. Afinal, “a magia acompanha a heresia e a segue como a sombra faz com o corpo”²³⁴. A interpretação do autor com relação à difusão do protestantismo pelo mundo é claramente inspirada pelas aulas de Juan Maldonado em Paris, e possui um grau de atualidade importante. Dentre as causas da união entre magia e heresia estão a fome e o descaso de algumas autoridades eclesiásticas. No primeiro caso, a peste persegue a fome, e assim a heresia carrega consigo diversos tipos de *Ciências Curiosas*. No segundo caso, a negligência de autoridades da Igreja faz com que os prestígios cresçam onde a palavra de Deus não chega, como gafanhotos que se entranham em campos não cuidados²³⁵. É também inspirado em Maldonado que Del Rio reforça a ligação entre heréticos e demônios, já que para ele os demônios habitavam os heréticos²³⁶. Esta relação entre magia e diabolismo havia sido intensificada pela escolástica

²³¹ Hispalis é o nome romano de Sevilha.

²³² Aquilon é a representação na mitologia romana do vento violento e forte do norte.

²³³ “Nous lisons qu’après ceste grande fourmilliere de Sarrasins espars par toutes les Espagnes, la Magie s’acquist telle autorité, qu’au grand mépris des meilleures & plus honnestes disciplines enseuelies dans l’ignorance, on n’enseignoit publiquement à Toledé, Hispale, & Salamanque, que cet Art Diabolique. Les Hussites se sont premierement saisis du pays de Boeme, & les Lutheriens apres de l’Allemagne: ceux là de quelle abondance de Sorciers ils ont esté suiuis, Sprenger & Nider Inquisiteurs de l’heresie nous l’ont appris: ceux-cy quels torrents d’Enchanteresses ils ont trainé derriere eux au quartier de l’Aquilon, ceux l’ont experimenté, que la crainte a fait roidir souz la rigueur de ce froid Septentrional. Es regions voisines de Suisse ne se trouue guere aucune femme qui ne semesle de charmes & malefices: Et de ce ne puis-je rendre vne plus veritable cause, sinon que les damnables restes de l’heresie Vaudoise, se sont là retirées & maintenues iusques aujourdhuy. L’Angleterre, l’Escosse, la France, & toute la Flandre ont esté principalement empoisonnees de ce venin par le Caluinisme. Martin DEL RIO. op. cit. pp. 7-8.

²³⁴ Idem. p. 6.

²³⁵ Idem Ibidem. pp. 8-9.

²³⁶ Idem Ibidem. p. 8.

através da idéia da existência de um pacto com o diabo, e assim, o delito da magia torna-se uma heresia²³⁷, e a definição legal para o crime de bruxaria se estabelece. Assim, quando a demonologia atacava as artes mágicas, o fazia baseada mais na dependência demoníaca, e não tanto pela sua filosofia²³⁸. A magia propriamente dita seria algo maior, que poderia incluir a ação demoníaca em uma parte sua e, neste caso, tornar-se uma heresia deveria ser como uma “magia natural realizada por demônios”²³⁹. Martin Del Rio faz esta distinção após definir que magia é uma arte ou faculdade que produz coisas maravilhosas através de uma virtude criada, e não sobrenatural²⁴⁰. Isto posto, classifica a magia em três tipos: magia natural, magia artificial e magia demoníaca. A magia natural é aquela incitada pela ordem natural das coisas, sem agentes externos. A magia artificial deve-se unicamente à ação humana, enquanto que a magia demoníaca é atribuída à malícia de demônios. E de acordo com o efeito final, podemos dividir a magia em boa, quando se cerca de meios lícitos, e má, quando os fins e os meios utilizados são nocivos²⁴¹. Del Rio considera que as magias artificial e a natural são boas e lícitas por definição, como são todas as Artes. Entretanto, elas podem transformar-se em magias ilícitas, dependendo de seus objetivos. O perigo aumenta quando a magia diabólica se esconde sob a imagem das outras duas, mostrando características e sinais similares àquelas, porém equivocados²⁴². E como nenhum mágico é capaz de controlar demônios – eles são levados a acreditar que o fazem -, mesmo com a intenção de praticarem a magia branca, são enganados por essas criaturas e acabam ajudando a propagar o malefício. É por isso que para Del Rio não pode existir magia branca, pois o pacto com o diabo transforma automaticamente o mago em seu servo²⁴³. Esta idéia de que o diabo não utiliza seus poderes sem nada em troca foi desenvolvida pelos escolásticos, e sacramentou a condenação dos magos. Eles eram hereges ao infligirem a doutrina católica quando fazem o pacto

²³⁷ H. MIDELFORT apud José Pedro PAIVA. op. cit. p. 331.

²³⁸ Stuart CLARK. op. cit. p. 322.

²³⁹ Idem Ibidem. p. 332.

²⁴⁰ “La Magie generalement prise, et en termes vniuersels, est vn Art ou faculté, produisant par vne vertu creée, et non surnaturelle, plusieurs choses esmerueillables, et inacoutumées, desquelles la raison surpasse les sens...”. Martin DEL RIO. op. cit. p. 15.

²⁴¹ Idem. pp. 15-16.

²⁴² Idem Ibidem. pp. 54-55.

²⁴³ Idem Ibidem. p. 119.

com o diabo, seja tácito ou explícito, mas também eram apóstatas porque acabavam deixando a fé cristã ao venerarem o demônio²⁴⁴.

O *Disquisitionum magicarum* é um tratado sobre magia, e o modo pelo qual foi estruturado nos leva a crer que sua ênfase está na atuação do demônio através das artes mágicas. A relação entre heréticos e demônios é apresentada aqui de maneira clara e direta, ao contrário dos *Comentarios*. Isto não significa que esta ligação esteja ausente na segunda obra. Os pressupostos, propósitos, estrutura discursiva e contexto contribuem para que haja uma diferença de abordagem. É importante lembrar que à época da escrita do *Disquisitionum magicarum* Del Rio já fazia parte da Companhia de Jesus e novas leituras foram adicionadas. Contudo, o ponto nevrálgico está na ameaça de seu tempo, a heresia calvinista, que provoca desordens na sociedade e destrói a disseminação da fé católica. O demônio engana e tenta os homens, faz com que eles tenham atitudes condenáveis e abracem as heresias. Isto ocorre desde Simão o Mago. A prática mágica é ao mesmo tempo um indicador da submissão ao demônio e instrumento de disseminação do mal. Desta maneira, constitui-se todo um processo que se inicia na fragilidade da fé dos homens. Martin Del Rio luta contra a decadência humana através de suas obras. A salvação espiritual de todos estava em risco.

3.4. A paz como grito de guerra

O perigo que o calvinismo representa para o bem público deve ser combatido com todas as armas disponíveis. A disseminação da propaganda religiosa a partir da utilização de uma tipografia foi importante nesta batalha, mas que não poderia dispensar o combate armado. O emprego da violência é justificado pela necessidade. A heresia espalhava-se com grande eficiência e contaminava todos os âmbitos da sociedade. O exemplo das guerras de religião do século XVI mostra a confirmação da gravidade dos resultados a que se pode chegar, com a decadência do indivíduo contagiando a todos que não têm uma fé sólida. As

²⁴⁴ Brian LEVACK. op. cit. p. 35.

atitudes vis dos hereges provocam a desordem de tal maneira que podem acarretar um perigo aos governantes. O rei deve estar preparado para o combate e os seus soldados atentos. Entretanto, existência de exércitos regulares se tornou mais comum apenas no final do século XV, e os de tamanho significativo ainda eram raros no XVI. O contingente de maior expressão era o espanhol porque fora organizado sob comando de Carlos V. Sabe-se que cerca de 85.000 homens lutaram pela Espanha nos Países Baixos, e que foram recrutados pelo próprio imperador²⁴⁵. A articulação entre expansão territorial, necessidade de defesa dos territórios conquistados e a tendência para a centralização do poder possibilitaram o desenvolvimento e fortalecimento dos exércitos²⁴⁶ de outros reinos, além do espanhol. A grande derrota em 1588 da *Invencível Armada* de Filipe II para as esquadras de Elizabeth I da Inglaterra foi um sintoma deste processo que se desenvolvia. O aumento do poder de fogo dos soldados beneficiados pela melhor organização, disciplinarização e amplitude deu novas características ao combate da heresia. Contudo, a justificativa de uma *guerra justa* não era algo novo.

No capítulo II foi abordado como os cavaleiros medievais davam suas vidas no combate aos infiéis e contribuíram para que seus pares fossem vistos como vassallos dignos e honrados. No século XVI o resgate do ideal cavaleiresco, algo modificado, foi o responsável pela divulgação de obras como a *Chanson de Roland*. De acordo com Quentin Skinner, humanistas italianos iniciaram um movimento que modificava a idéia de exclusão que se tinha entre o estudo das letras e a utilização das armas. Um exemplo está na tradução do latim para o espanhol dos *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte*, feita pelo homem de armas Rodrigo de Medina y Marzilla. Isto “contribuiu para garantir que em muitos círculos humanistas o ofício da luta alcançasse um brilho ímpar, no correr do século XVI”²⁴⁷. Um erudito contemporâneo também aludiu à importância do combate. Justus Lipsius relacionou guerra e poder de modo a valorizá-la em seu contexto. Para ele,

²⁴⁵ Rui BEBIANO. op. cit. pp. 95-96.

²⁴⁶ Idem. Ibidem. pp. 97-98.

²⁴⁷ Quentin SKINNER. op. cit. pp. 265-266.

constituía um dos elementos principais com que o príncipe deveria lidar, resultando na arte da guerra como alvo de sua dedicação intensa²⁴⁸.

A valorização da guerra permanece posteriormente sob a concentração do poder dos Estados. Entretanto, ela já não estava relacionada com o conflito religioso. A paz civil se separou da paz religiosa. Seja qual for o contexto, nada apagará as palavras de Thomas Morus, um prelado inglês do século XVI. Na obra *Utopia*, escrita em 1516, a guerra era permitida exclusivamente para fins defensivos, o que não impediu a conclusão de que nenhuma guerra do presente ou do futuro, que se possa esperar, seja justa.

²⁴⁸ Rui BEBIANO. op. cit. p. 206.

CONCLUSÃO

A intensidade dos conflitos foi uma das características das guerras de religião que assolaram a Europa no século XVI. Muitos dos textos escritos por contemporâneos nos deixaram exemplos de violência e terror cometidos pelos dois lados da batalha. Os *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte* foram escritos na emoção do acontecimento, e mostram como representam para Martin Del Rio um instrumento de Deus na atuação contra o calvinismo. A arma utilizada pelo autor foi a escrita de uma história dos Países Baixos, que poderia melhor instruir os sucessores de D. João de Áustria, ou até os governantes de outros locais igualmente ameaçados pela heresia.

É possível identificarmos uma constante no discurso de Martin Del Rio com relação aos grandes inimigos do catolicismo de seu tempo. O combate aos protestantes é tema recorrente nas duas obras, e constitui um elemento decisivo que também guia suas ações no âmbito particular. É possível reconhecer esta continuidade na produção de Del Rio. Na história dos Países Baixos, o mal está presente através dos vícios mostrados pelos hereges, que causam tumultos e contaminam a população. Eles são como um elemento de identificação. No tratado sobre magia, o mal está presente no pacto demoníaco existente entre o demônio e o mago. Os vícios também são evidentes, contudo, o elemento de identificação é a própria magia, sombra da heresia. A utilidade desta obra é apresentada pelo próprio autor na introdução: encantadores e feiticeiros estão por toda a parte em grande número, e por isso é preciso caçá-los, abatê-los e derrotá-los²⁴⁹. Mais uma vez, Del Rio escolhia suas armas.

A escolha pela figura de D. João de Áustria como personagem principal de seus *Comentarios* indica o desejo de reparar fama e glória. Também procura mostrar as virtudes de seu senhor e desenhá-lo como um modelo de governante naquele contexto. A proximidade da família Del Rio com o governador-geral era grande, ao ponto de D. João enviar uma carta aos deputados para que o pai de Martin,

²⁴⁹ Martin DEL RIO. op. cit. p. 3

Antonio Del Rio, fosse libertado²⁵⁰. A tentativa fracassou, mas a devoção do autor permaneceu até a morte. A exemplaridade expressa na obra de Del Rio está bastante explícita. Ele desqualifica as atitudes calvinistas através da existência de uma imoralidade, enquanto que todas as virtudes de D. João são indicadas ao longo do texto. A descrição da morte do governador-geral é explícita neste sentido. Seu falecimento ocorreu após uma missa realizada no seu quarto, e o autor afirma que a alma foi em direção ao céu – o que confirma as virtudes apontadas. Seus feitos poderiam ser “igualados com os dos mais famosos capitães de outros tempos”²⁵¹ e sua fidelidade com o rei era notória, elementos presentes em Rolando - cavaleiro de Carlos Magno. Lutou bravamente contra os infiéis, realizou “coisas memoráveis em Flandres” e sempre foi piedoso e devoto. Cerca de cinco meses antes de sua morte, quando podia “ocupava-se com obras de misericórdia e caridade, visitando soldados enfermos, procurando o que poderia curá-los, transporte para levá-los ao exército e se certificando que nenhum deles falecesse antes de receber os Sacramentos”. Toda a sua riqueza seria do rei, pois era senhor de todas elas e dele próprio. Isto mostra o contraste com a avareza e a ambição dos rebeldes²⁵². A seguir, Del Rio enumera todas as qualidades de seu senhor:

D. João de Áustria tinha singulares e heróicas qualidades para a paz e a guerra, que era zelo das pessoas sagradas, e a Religião, Fé, liberaridade, cortesia, e facilidade com todos, sagacidade, eloquência maior que a do soldado, trabalho para negócios, fortaleza nos perigos, paciência no adverso, temperança no próspero, grande destreza em coisas, presteza em executá-las, conselho em provê-las, ciência militar, ânimo, autoridade, e digo: vícios, se tinha alguns, era de tão pouca consideração, que pelas virtudes não eram conhecidos²⁵³.

Podemos reconhecer as virtudes de um digno cavaleiro. Vícios existiam, mas não eram relevantes. D. João era o Rolando de seu tempo. Tempo esse de mudanças estruturais no pensamento europeu. O ambiente de lutas religiosas em que a obra foi escrita é considerado um marco importante para que mais tarde conflitos econômicos, dinásticos e de fronteira se libertassem do âmbito religioso. Sabemos que somente dois anos após a morte de D. João, Martin Del Rio entra para a

²⁵⁰ Rolando Natin MIRITEO. *Comentarios...* op. cit. p. 70 f.

²⁵¹ Idem. *Ibidem*. p. 147 f.

²⁵² Idem. *Ibidem*. pp. 147 f-147 v.

²⁵³ Idem. *Ibidem*. p. 149 v.

Companhia de Jesus. Havia dificuldades para que um manuscrito fosse impresso. E depois que ele tornou-se um noviço, seus escritos ficaram guardados. Por isso, a demora na sua publicação pode ter sido um elemento importante para que os *Comentarios* não obtivessem um grande reconhecimento no novo tempo que se iniciava. O autor já o tinha conquistado com outra obra. Os *Comentarios* perderam-se no tempo.

FONTES

DEL RIO, Martin. *Les controverses et recherches madiques de Martin Delrio P. et Doct. de la Compagnie de Iesus. Divisees en six livres, Ausquels sont exactement & doctement confutees les Sciences Curieuses, les Vanitez, & Superstitions de toute la Magie. Avecqves la maniere de proceder en Iustice contre les Magiciens & Sortiers, accommedee à l'instruction des Confesseurs. Oevvre vtile et necessaire à tous Theologiens, Iurisconsultes, Medecins, & Philosophes.* Paris: Chez Iean Petit-Pas, ruë saint Iean de Latran au College de Cambray, 1611.

MAXWELL-STUART, P. G. *Martín Del Río. Investigations into magic.* Manchester: Manchester University Press, 2009.

MIRITEO, Rolando Natin (Martin Del Rio). *Comentarios de las alteraciones de los Estados de Flandes: sucedidas despues de la llegada del Señor Don Iuan de Austria a ellos, hasta su muerte / compuestos en latin por Rolando Natin Miriteo, en cinco libros; y traduzidos en castellano por Don Rodrigo de Medina y Marzilla.* Madrid: Casa de Pedro Madrigal, 1601.

_____. *Mémoires sur les troubles des Pays-Bas depuis l'arrive de Don Juan d'Autriche.* Bruxelles: Société de l'histoire de Belgique, 1869.

SALAZAR Diego de. *Tratado de re militari, hecho a manera de dialogo, que passo entre los illustrissimos señores Don Gonçalo Fernandez de Cordova llamado Gran Capitan, duque de Sessa, &c. y Don Pedro Manrique de Lara, duque de Najara: en el qual se contienen muchos exemplos de grandes principes, y señores: y excellentes avisos, y figuras de guerra muy provechoso para cavalleros, capitanes, y soldados.* Bruxelles: Roger Velpius, 1590.

WARNY, Philippe. *Mémoires sur le siège de Tournay 1581.* Bruxelles: Société de l'histoire de Belgique, 1860.

WESENBEKE Jacob van. *Mémoires de Jacques de Wesenbeke.* Bruxelles: Ed. C. Rahlenbeck, 1859.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ENCICLOPEDIA Cattolica. Citta del Vaticano : Ente per l'Enciclopedia cattolica e per il Libro cattolico, 1948-1954.

ENCICLOPEDIA Universal Ilustrada Europeo Americana: Versiones de la mayoria de las voces en francés, italiano, inglés , alemán, portugués, catalán, esparanto. Madrid: Espasa-Calpe, [19--], v. 17.

KAPLAN, Gregory B. (ed). "Sixteenth-Century Spanish Writers". In: DICTIONARY of Literary Biography. Detroit: Thompson Gale, 2006. vol. 318, pp. 291-293.

NEW Catholic Encyclopedia. New York: Mc Graw-Hill Book Co, 1967, v. 4

O'KELLY DE GALWAY, Alph. *Dictionnaire des cris d'armes et devises des personages célèbres et des familles nobles et autres de la Belgique Ancienne et moderne (Belgique – Pays-Bas – Nord de la France et principauté de Liège)*. Bruxelles: Éditeur Auguste Schnée, 1865.

O'NEILL, Charles E.; DOMÍNGUEZ, Joaquín Ma. (dir.). *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*. vol 2. Madrid: Univerddad PontificiaComillas, 2001.

THE CATHOLIC Encyclopedia. New York : The encyclopedia press, 1913-14.

VIGOUROUX, F. *Dictionnaire de la Bible*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1928.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ATIENZA, Julio de. *Nobiliario Español*. Diccionario heráldico de apellidos españoles y de títulos nobiliários. Madrid: Aguilar, 1954.

BANGERT, William. *História da Companhia de Jesus*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa; São Paulo: Edições Loyola, 1985.

BAROJA, Julio Caro. *Las Brujas y su mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 1973.

_____. “Martín Del Río y sus *Disquisiciones mágicas*”. In *El señor Inquisidor y otras vidas por oficio*. Madrid: Alianza Editorial, 1970.

BEBIANO, Rui. *A Pena de Marte: escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XV-XVIII)*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, 2000.

BELENGUER, Ernest. *Del Oro al Oropel*. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

BERNABÉ, José Manuel Prieto. “‘Recibida y admitida de todos...’. La lectura de la historia en la sociedad madrileña del Siglo de Oro”. In: *Revista Hispania*. LXV/3, n. 221, 2005.

BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia. Feiticeiras, Adivinhos, e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CLARK, Stuart. *Pensando com Demônios*. São Paulo: Edusp, 2006.

COCHRANE, Eric. *Historians and historiography in the Italian Renaissance*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

DAVIES, Charles Maurice. *History of Holland, from de beginning of the tenth to the end of the eighteenth century*. London: John W. Parker, West Strand, 1841. vol. 1.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *La conception de l'histoire en France au XVI siècle (1560-1610)*. Paris: Nizet, 1977.

ELLIOT, J. H. *La Europa Dividida. 1559-1598*. Madrid: Siglo XXI, 1973.

FLORI, Jean. *La Chevalerie*. França: Ed. Gisserot, 2004.

_____. “Cavalaria”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol1. São Paulo: EDUSC, 2002.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudoclericalismo e religiosidade em Castela medieval*. São Paulo, Hucitec, 1990.

FUETER, Ed. *Histoire de l'historiographie moderne*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1914.

GÓMEZ, Antonio Castillo. “El donoso y grande escrutínio: La lectura áurea entre la norma y la transgresión”. In: Antonio Castillo GÓMEZ (org). *Libro y Lectura en la Península Ibérica y América. Siglos XIII a XVIII*. Salamanca: Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo, 2003.

HADDOCK, B. A. *Uma introdução ao pensamento histórico*. Lisboa: Ed. Gradiva, 1989.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.

HAUSER, Henri. *La Prépondérance Espagnole*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

HOUDARD, Sophie. *Les Sciences du Diable. Quatre discours sur la sorcellerie (XVe-XVIIe siècle)*. Paris: Les éditions du Cerf, 1992.

ISRAEL, Jonathan. *The Dutch Republic. Its rise, greatness and fall. 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

JASMIN, Marcelo Gantus. “Política e historiografia no Renascimento italiano: o caso de Maquiavel”. In: Berenice CAVALCANTE (org.). *Modernas tradições*:

percursos da cultura ocidental nos séculos XV-XVIII. Rio de Janeiro: Access, 2002.

JEDIN, Hubert. *Historia del Concilio de Trento – El primer período 1545-1547*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1972.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto/Ed. PUC-rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

LEVACK, Brian P. *The Witch-hunt in Early Modern Europe*. New York: Longman Inc, 1987.

MANDROU, Robert. *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PAIVA, José Pedro PAIVA. *Bruxaria e Superstição num país sem “caça às bruxas”. 1600-1774*. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

PEARL, Johnatan L. *The Crime of Crimes. Demonology and politics in France. 1560-1620*. Waterloo, Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 1999.

PÉREZ, Yolanda Rodríguez. *The Dutch Revolt through Spanish eyes: self and other in historical and literary texts of Golden Age Spain 1548-1673*. Oxford: Peter Lang, 2008.

POUPARDIN, René. *Catalogue des manuscrits des collections Duchesne et Bréquigny*. Paris: Ernest Leroux Éditeur, 1905.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *Exorcistas e Demônios: demonologia e exorcismos no mundo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SÁNCHEZ, Carlos Alberto Gonzáles. “Cercos a la imaginación: lectura y censura ideológica em la España del siglo XVI”. In: Antonio Castillo GÓMEZ (org). *Libro y Lectura en la Península Ibérica y América. Siglos XIII a XVIII*. Salamanca: Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo, 2003.

SÁNCHEZ-MOLERO José Luis Gonzalo. “Lectura y bibliofilia cortesanas em la España del Quinientos”. In: Antonio Castillo GÓMEZ (org). *Libro y Lectura en la*

Península Ibérica y América. Siglos XIII a XVIII. Salamanca: Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo, 2003.

SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno Atlântico. Demonologia e Colonização. Séculos XVI-XVIII.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TREVOR-ROPER, H. R.. *Religião, Reforma e Transformação Social.* Lisboa: Ed. Presença/ Martins Fontes, 1972.

WEBSITES

Castelo de Cleypael: www.vankasteelnaarkasteel.be/cleypael

Cidade belga de Aartselaar: <http://www.aartselaar.be/>

Cronologia da região de Brabante: <http://www.willebroek.info>

Enciclopédia Britannica: <http://www.britannica.com>

Fontes Primárias Primary sources in English, French, Latin and languages other than Dutch:

<http://www.homepages.ucl.ac.uk/~ucrabjk/Hist%20133/Sources%20in%20English.htm>

Fordham University Center for Medieval Studies:
<http://www.fordham.edu/halsall/basis/roland-ohag.html>

Gresham College:
<http://www.gresham.ac.uk/event.asp?PageId=108&EventId=713>

Inventários da cidade de Antuérpia (séculos XVI-XVII):
http://www.neha.nl/specialcollections/pdf/0319nisp_inv.pdf

Livros raros: <http://www.forumrarebooks.com/spanish/p1.html>

Lycée Louis le Grand: <http://www.louis-le-grand.org/albedo/index.php>.

Ministère de la Culture et de la Communication (France):
<http://www.culture.gouv.fr>

Museu do Louvre: <http://www.louvre.fr>

Museu Rijksmuseum: <http://www.rijksmuseum.nl/>